

**Henri Ramirez,
Valdir Vegini e
Maria Cristina Victorino de França**
(Universidade Federal de Rondônia)

Koropó, puri, kamakã e outras línguas do Leste brasileiro: revisão e proposta de nova classificação

ABSTRACT: In this study, we carry out a thorough examination of extinct languages located in Eastern Brazil (from São Paulo to Salvador). There is a tradition in placing Koropó with Puri (Coroado), and both of them in a Macro-Jê superfamily. Firstly we argue against any affinity between Koropó and Puri languages. Secondly we give a set of reasons which leads us to the exclusion of Puri-Coroado from Macro-Jê languages. Going then in a northerly direction, we detail the Maxakali family in order to get a tentative classification of its members and to carefully compare this family with its linguistic neighbours (Kamakã, Jê and Krenak families). In doing such a comparison, we finally conclude that Maxakali shows a very close relationship with Kamakã, which most likely suggests a genetic connection between these two groups. However, there is no proof of genetic relationship between all these four families (Maxakali, Kamakã, Jê, Krenak), since we are in an area where a long history of interethnic contacts suggests that languages also share a large number of linguistic loans.

KEYWORDS: Indigenous languages of Eastern Brazil; Comparison of extinct languages; Koropó and Puri; Maxakali, Kamakã, Krenak and Jê families.

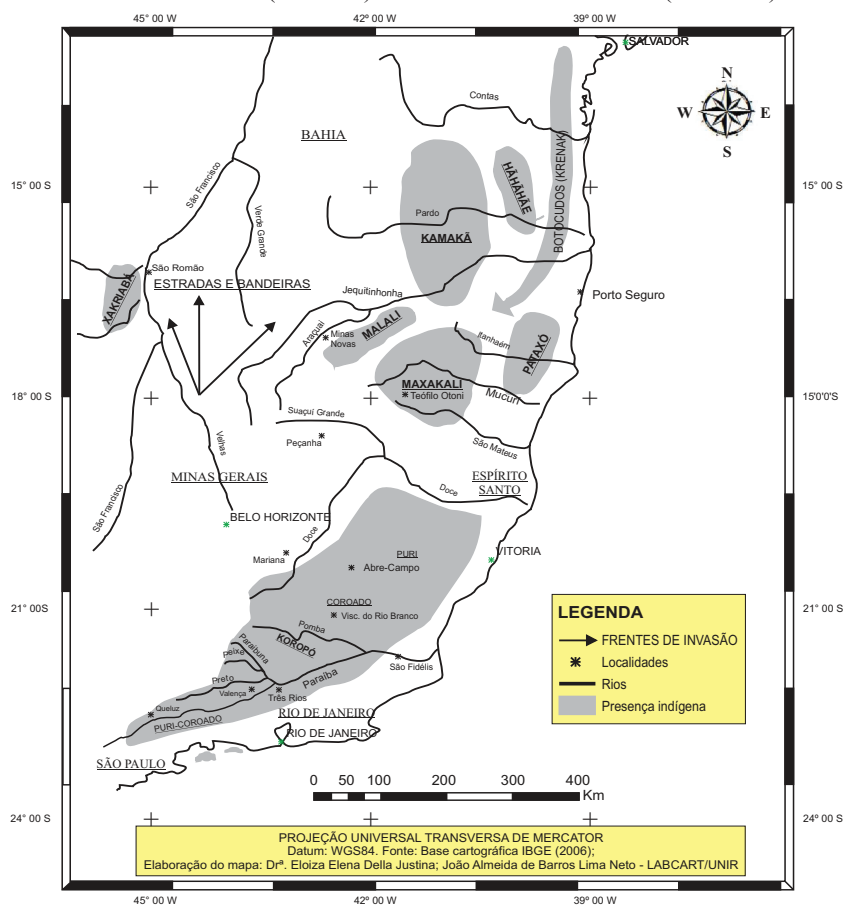
RESUMO: Neste estudo, realizamos uma análise aprofundada de línguas extintas localizadas no Leste do Brasil (de São Paulo a Salvador). Tradicionalmente, agrupa-se o koropó com o puri (coroado) e ambos na superfamília macro-jê. Inicialmente, refutamos qualquer afinidade entre as línguas koropó e puri e, subsequentemente, apresentamos razões para excluir o puri-coroado das línguas macro-jê. Prosseguindo em direção ao norte, examinamos detalhadamente a família maxakali, propomos uma classificação provisória de suas línguas afiliadas e comparamos pormenorizadamente essa família com línguas do seu entorno geográfico (kamakã, jê e krenak). Desse estudo, podemos concluir que o maxakali mantém estreita relação com o kamakã, sugerindo-nos a existência de um vínculo genético entre esses dois grupos linguísticos. Contudo, não podemos propor relação genética semelhante para todas as quatro famílias (maxakali, kamakã, jê, krenak) visto que seus falantes viviam numa área onde houve um longo período de contatos interétnicos que poderia ter favorecido o compartilhamento de grande número de empréstimos linguísticos entre esses idiomas.

PALAVRAS-CHAVE: Línguas indígenas do Leste do Brasil; Comparação entre línguas extintas; koropó e puri; famílias maxakali, kamakã, krenak e jê.

“This family [Macro-Jê], of all the South American families, is the one most artificially constituted. It is the *caput mortuum* of South American linguistics. Its careful and complete revision, on truly scientific grounds, is imperative” (Rivet 1924: 697)

Introdução

Dividimos nosso artigo em cinco seções. Na primeira, iniciamos nosso trabalho revendo a posição da língua koropó, apresentando argumentos linguísticos e geográficos que, a nosso ver, permitem desvincular o koropó da família puri, denominada neste artigo puri-coroado. Em seguida, analisamos em detalhe o espaço territorial puri-coroado (seção 2), antes de argumentar contra a inclusão desse grupo dentro do macro-jê (seção 3). Na seção 4, propomos uma classificação interna da família maxakali, inserindo nela o koropó, o pataxó e o malali. A última parte do artigo gira em torno dos grupos maxakali, kamakã, jê e krenak, e do tipo de relação linguística que esses quatro grupos teriam entre si. Sugerimos uma provável conexão genética entre o kamakã e o maxakali, sem descartar - sobretudo para o krenak - uma adoção maciça de traços linguísticos (empréstimos) que teria sido paralela a contatos interétnicos intensos (seção 5). Três anexos completam o artigo: uma classificação das línguas indígenas do Leste brasileiro (anexo I), uma lista de palavras da família maxakali (anexo II) e outra da família kamakã (anexo III).



Povos indígenas do Centro-Leste brasileiro focalizados neste artigo (século xvii)

1. O Koropó: Uma língua maxakali

Em sua classificação das línguas da América do Sul, Mason (1950: 298) considera a posição da língua koropó como incerta e polêmica: Rivet (1924: 698) inclui essa língua extinta dentro da família maxakali, mas Loukotka (1937, 1968: 66-68) a considera afiliada à família puri-coroado. Em seu mapa etno-histórico, Nimuendajú (1987) aceita a proposta de Loukotka. A partir dos dois únicos vocabulários koropó disponíveis, Mason realiza uma comparação dessas línguas, observando um bom número de semelhanças lexicais entre o koropó e as línguas maxakali, mas um pouco menos entre o koropó e o puri-coroado. Por cautela, Mason sugere então que o koropó deve ser tratado como língua independente.

Se Mason tivesse observado melhor a localização geográfica dos koropó¹ em um mapa, talvez não teria dado a essa língua o estatuto de “língua independente” e - muito provavelmente - teria desvinculado o koropó da família puri-coroado. Nesta seção, depois de examinar as duas listas de palavras koropó que dispomos, concluiremos que é muito improvável que o koropó seja afiliado ao puri-coroado, mas que ele tem todos os requisitos para ser uma língua da família maxakali.

Na próxima seção, estudaremos em detalhe a história e a localização dos puri-coroado entre os séculos XVI e XIX. No entanto, sugerimos que a leitura seja sempre acompanhada da consulta cuidadosa do mapa postado acima. Os koropó viviam bem no coração do mundo puri-coroado: moravam no rio Pomba, afluente do rio Paraíba do sul, na divisa entre os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Os dois vocabulários koropó que dispomos foram elaborados por Eschwege e Schott no começo do século XIX, próximo de São João do Presídio (hoje Visconde do Rio Branco), perto do rio Pomba. A lista de palavras de Eschwege e a de Schott serão doravante abreviadas em (E) e (S):

(E) Lista de Eschwege (2002: 122-127) Elaborada em 1815 127 palavras.

(S) Lista de Schott (1822: 48-51) Elaborada em 1818: 61 palavras.

Além dessas listas, encontramos uma terceira no glossário de Martius (1863: 167-169), que parece uma compilação incompleta da lista de Eschwege (108 palavras em vez de 127). De fato, a lista de Martius é idêntica à de Eschwege, até na divisão silábica e em outros pequenos pormenores. Os quatro exemplos abaixo confirmam o que acabamos de dizer:

	KOROPÓ de ESCHWEGE (1815)	KOROPÓ de MARTIUS (1818)		KOROPÓ de ESCHWEGE (1815)	KOROPÓ de MARTIUS (1818)
Árvore	mai-man-krôá	mai-man-kroá	Vós	jang-yaúme	jang-yaúme
Relâmpago	té-pu-po-ne	te-pu-po-ne	Alto	pe-éôá	pe-éôá

¹ Tendo em vista a omissão da Academia Brasileira de Letras quanto ao uso de maiúsculas ou minúsculas para nomes de povos indígenas, adotaremos - neste artigo - apenas o uso de minúsculas.

E assim ocorre com toda a lista de mais de 100 palavras. Martius visitou os koropó em 1818, três anos depois de Eschwege ter compilado sua lista, anotando com honestidade (Spix; Martius 1981: 226):

Estudar a sua linguagem [a dos koropó] **foi-nos impossível**, apesar de todas as tentativas, tanto pela sua invencível timidez como pela falta de um intérprete prático. (grifos nossos)

No entanto, em outro escrito, Martius (1867: 308) parece contradizer-se ao afirmar que **tanto ele quanto Eschwege** recolheram palavras da língua koropó.² Independentemente do que realmente ocorreu em 1818 e seja qual for o verdadeiro autor dessa lista, neste estudo, omitiremos a lista de Martius por não apresentar vocábulos novos ou diferentes da lista de Eschwege.³

Retornamos agora às duas únicas listas de koropó. Podemos dividi-las em três partes: as palavras koropó parecidas com as do puri-coroado (1), as palavras parecidas com as da família maxakali (2) e as que não conseguimos classificar (3).

1.1. Encontramos 36 palavras da língua koropó parecidas com o puri-coroado. Para o puri, temos:

- | | | |
|-----|-----------------------------------|--------------------|
| (M) | Lista de Martius (1863: 194-195) | Elaborada em 1818. |
| (E) | Lista de Eschwege (2002: 122-127) | Elaborada em 1815. |
| (T) | Lista de Torreção (1889: 511-513) | Elaborada em 1885. |

E para o coroadado, temos:

- | | | |
|-------|---|------------------------------|
| (M) | Lista de Martius (1863: 195-198) | Elaborada em 1818. |
| (E) | Lista de Eschwege (2002: 122-127) | Elaborada em 1815. |
| (Mar) | Lista de Marlière (Martius 1889: 198-207) | Elaborada entre 1817 e 1819. |
| (SH) | Lista de Saint-Hilaire (2000: 33) | Elaborada em 1816. |

Optamos pela seguinte ordem de exposição: partes do corpo, parentesco, elementos da natureza, animais e plantas, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes pessoais. Usamos três traços (---) quando o puri ou o coroadado não tem forma semelhante ao koropó, e três pontos de interrogação (???) quando ignoramos a forma correspondente em puri ou em coroadado:

	KOROPÓ	PURI	COROADO
1. testa / forehead	pole (E)	poreh (M), poreh (T)	po(h)ré (M/E)
2. olho / eye	uálim (E), kuariḡ (S)	mirih (M), mri (T)	mere(ng) / merim (M/E), m(e)rim (Mar), murim (SH)
3. boca / mouth	tforé (E)	fjoreh (M), tforé (T)	tforé (M/E), tforé (Mar), tfori (SH)

² Agradecemos aos pareceristas anônimos da Revista LIAMES por ter chamado nossa atenção sobre essa passagem de Martius e por outras ricas contribuições às reflexões que propomos.

³ A lista de Schott foi outro quebra-cabeça para achá-la. Ela encontra-se em *Nachrichten v. d. Oestr. Naturforsch. in Brasil.*, mas depois do volume II e com uma paginação independente. Martius (1863: 167-169) reproduziu a lista de Schott quase na sua integralidade, exceto alguns etnônimos e topônimos.

LIAMES 15(2)

4. língua / tongue	tupé (E)	toppeh (T)	tobeh (M), tompe (E), topé (Mar), tão (SH)
5. pé / foot (= mão)	tfambrim (E)	fabre-ra (M), fapêprê-ra (T)	faru / t'faperré (M), tfaperre (Mar), zupare-wan (SH)
6. mão / hand (= pé)	(t)fambri(m) (E), fambriþ (S)	fabre-ra (M), fapepre-ra (T)	faperre (M), tfopré / faparé (E), tfaperre (Mar), zuparé (SH)
7. braço ¹ / arm ¹	kakó-ra (E)	kokoh-ra (M)	kakó-ra (M/E), kako-ra (Mar)
8. braço ² / arm ²	natfárn dedo (E)	---	nat (Mar/SH)
9. peito / chest	puará (S)	pultha (M)	puira (M), puará (Mar)
10. homem / man	goai-m-an (E)	guae-ma (M), kuai-ma (E)	guai-ma / kuei-man (M), kuai-ma (E), koai-ma (Mar), kuai-man (SH)
11. mulher / woman	boë-m-an (E)	mbai-ma (M), boë-mann (E), mbl'ê-ma (T)	boj-man / bai-man (M), beh-ma (E), boj-man (Mar), boi-man (SH)
12. mãe / mother	aján (S)	ajam (E), ipan (T)	naman (M), ajan (E), naman / ajan (Mar)
13. criança / child	fapô-ma (E)	---	fapo-ma (M/E), fapó-ma (Mar), spo-na (SH)
14. irmão / brother	e-fataĩ (E)	maka-fajtane (E), fahtám' (T)	moka-fatane (E), tfataj (Mar)
15. gato / cat	fapé (E)	???	fapi (E/Mar)
16. tronco / trunk	mà(-)pran- lin(m) (E)	---	[bó-] prranny (E)
17. folha / leaf	tfuptfé (S)	djop'leh (T)	tfopé (M), tfopé / tfupan (Mar)
18. raiz / root	[memp-] finta (E)	???	[bo-] kinta (E)
19. erva / grass	fapúko (E)	spangwéh (M), fapúko (E), fipampeh (T)	sapakoh (M), fapuko (E)
20. estrela / star	djuri (E)	thiuhli (M), fjuri (T)	jurih (M), poundóri (E)

21. vento / wind	naran-djota (E)	nam-djota (E)	nan-djota (E)
22. areia / sand	küi-füi (E)	gavi-ly (E)	küi-füi (E)
23. serra / mountain	pré (E)	pré (E)	pré (M), pré (E), pré (Mar)
24. noite / night	merindan (E)	mirribauana (M), ta-mari-popam (E), mripôn (T)	miribuang / mari pawanta (M), ta-mari-ponhan (E), mari pawanta (Mar)
25. álcool / alcohol	uanitim (E)	---	ohanité (E)
26. bom / good	teran-kâ (E)	---	tanne (M), tenne-ka (E), tanne (Mar)
27. grande / big	hereu (E)	---	heren-ma (M), hereu-ma (E), heren-ma (Mar)
28. preto / black	uanán (S)	beungana (M), pewôno (T)	uanán (Mar)
29. vermelho / red	mukerû-ru (E), aluchruru-ma (S)	---	mucherû-ru (E), muchruru-ma (Mar)
30. amarelo / yellow	tfaitaká-ma (S)	---	tfateka-na (M), tfaitaka-ma (Mar)
31. dar / to give	[ga-] pû (E)	pu (M)	pô (E), [ga-] pu (Mar)
32. cantar / to sing	[ga-] ngré (E)	---	g(w)eré (E), [ga-] ngre (Mar)
33. aqui / here	kráh (E)	???	kará (E), gra (Mar)
34. amanhã / tomorrow	herinante (E)	???	herinanta (M), herinante (E), herinanta (Mar)
35. três / three	pate-pa-kon (E), pata-pa-kun (S)	???	pata-pa-kun (M), pata-pa-kon (E)
36. tu / thou	ga- (E)	---	ga- (M/E), (a)nga / ga- (Mar)

Examinando as 36 palavras, pode-se observar que:

1) As palavras koropó são muito semelhantes às suas correspondentes em puri e coroadó, e ainda mais próximas do coroadó por questões geográficas. Os koropó viviam no rio Pomba e os coroadó no rio Xipoto, afluente do rio Pomba. Eram, portanto, povos vizinhos, casavam-se entre si e se juntavam às missões capuchinhas do baixo rio Paraíba.

2) Excetuando-se alguns termos que talvez não sejam cognatos nem empréstimos, e avaliando as grafias usadas pelos naturalistas estrangeiros em uma época em que não havia normalização fonética, as palavras koropó e puri-coroadó são até mais que semelhantes: são na realidade **idênticas**. Confrimamos, por exemplo, as palavras para “amarelo” (30), “amanhã”

(34) e “três” (35): mesmo sendo palavras polissilábicas (quatro sílabas), são idênticas. Essa identidade das formas implica dizer que não é possível encontrar nenhuma regra de correspondência fônica entre o koropó e o puri-coroado. Dessa ausência de correspondências fônicas, decorrente da identidade formal entre as palavras, concluímos necessariamente que:

- ou o koropó é igual ou quase igual ao puri-coroado;

- ou a maioria dessas 36 palavras koropó são termos adotados do puri-coroado (empréstimos).

Desse ponto de vista, a conclusão a que Loukotka chegou carece de logicidade. Com efeito, para Loukotka (1937), o koropó pertenceria à família puri-coroado como parente mais distante dentro desta família. Se esse fosse o caso, deveria haver formas semelhantes, e não idênticas, com regras de correspondência que comprovariam essa distância linguística.⁴

1.2. Encontramos 43 palavras koropó parecidas com línguas da família maxakali. Para o maxakali moderno, usamos as seguintes listas:

(M) Dicionário maxakali (Popovich; Popovich 2004)

(Mo) Monaxobm (Loukotka 1963: 30-31)

(H) †Pataxó-Hähähäe (Meader 1978: 45-50; Loukotka 1963: 32-33)

Para o maxakali do século XIX, utilizamos as seguintes listas:

(M) †Mashacari (Saint-Hilaire 2000: 274; Wied-Neuwied 1989: 509-510) [1816-1817]

(K) †Kapoxó (Martius 1863: 170-172) [1818]

(Mo) †Monoxó (Saint-Hilaire 2000: 181) [1817]

(Mak) †Makoni (Saint-Hilaire 2000: 212; Martius 1863: 173-176; Wied-Neuwied 1989: 512-513) [1816-1818]

(Mal) †Malali (Saint-Hilaire 2000: 181; Martius 1863: 207-208; Wied-Neuwied 1989: 511-512) [1816-1818]

(P) †Pataxó (Wied-Neuwied 1989: 510-511) [1816]

	KOROPÓ	MAXAKALI MODERNO Maxakali (M), Monaxobm (Mo), †Hähähäe (H)	MAXAKALI (séc. XIX) †Machacari (M), †Kapoxó (K), †Monoxó (Mo), †Makoni (Mak), †Malali (Mal), †Pataxó (P)
1. cabeça / head	pitaô (E), [i-] bdaip (S)	pito ⁱ (M), ptowe (Mo), ɓako ⁱ / makohaj (H)	mtop (M), patap (K), toi (Mo), potoi (Mak), patoj (P)
2. cabelo / hair	[i-] tfé (E), [tip-] tfé <i>pena</i> (S)	tje (M), tjɛ (H)	sekô (Mal)
3. olho / eye	uá-lim (E), kua-riɲ (S)	guá / ?wa (H)	gué (M), nguá (Mo), nguá (P)
4. dente / teeth	jó-rim (E), fo-rign (S)	tjo ⁱ (M), tjowe (Mo), t^hui (H)	tsooi (M), fuoj (K), tfooi (Mo), tfoi (Mak)
5. pena / feather	mam (E)	jī-māɲ <i>asa</i> (M)	ning-mang <i>asa</i> (Mak)
6. garganta / throat	tfitá-ne (E)	tjit-kotf [kotf <i>buraco</i>] (M), tjipaj (H)	

⁴ Na trilha aberta por Loukotka, Silva Neto (2007: 39-41) fornece 21 “cognatos” entre o koropó e o puri-coroado, sem estabelecer ou propor NENHUMA regra de correspondência fônica, evidentemente porque os 21 “cognatos” são idênticos em koropó e em puri-coroado. Então, são cognatos ou empréstimos?

7. teta / breast	tʃok-tadn (S), en-djok-tan-e <i>leite</i> (E)	tʃok-tat, tʃok-hep (M)	tsik-tan (M), ʃe-ta (K), ʃie-tah (Mak)
8. coração / heart	e-kké (E)	kĩ-nāj / ki-tʃa (M)	kepá (M/K), kifa (Mak), kefo (Mal)
9. sangue / blood	i-ku (E)	---	käng (M), käng (K), küm / kö (Mak), kemje (Mal), ghām (P)
10. carne / meat	e-jeine (E)	jīn (M), xim (H)	tiun-gin (M/K/Mak), junié (Mal), uniin (P)
11. pele / skin	[tʃamnak-] dsai (S)	tʃaⁱ (M), [tʃok-] tʃadⁱ (H)	ʃaⁱ (K), [to-] tʃaⁱ (Mak), tʃaⁱ (Mal)
12. pai / father	ekta (E), ektap (S)	ā-tak (M), ēŋka (H)	tatang (Mak)
13. mãe / mother	e-ktan (E)	tīt (M), ʌ-ŋkaⁱ (H)	totjo (Mak), a-te (Mal), a-tōn (P)
14. filho / son	e-hton (E), e-ktop (S)	īŋ-kítok <i>meu filho</i> (M)	a-ttoh (K), kuto (Mak)
15. ave / bird	tignam (E)	pítijnāŋ (M), pítijnhā (Mo), pekajñão (H)	petoignang (Mak), poignan (Mal)
16. ovo / egg	téme (E)	tʃik (M)	tim (M), tin (Mak), tieng (P)
17. cobra / snake	kanján (S)	kājā (M), kaniá (Mo), ?āŋgā (H)	jan (Mo), kapa (Mak)
18. árvore / tree	memp (E), mebn (S)	mīm / mīp (M), mihim (Mo), mī (H)	me (Mal), mip (P)
19. fruta / fruit	[memp-] tâ (E)	[mīp-] ta (M), [mī-] ka / kahab (H)	[mit-] ta (Mak)
20. mandioca / manioc	kōhn [ko:n] (E)	ko:ⁱ (M), kohóa (Mo), ?uhūⁱ (H)	koon (M), kohom (P)
21. cuia / gourd	tutʃaj (E)	tot (M)	totsá (P)
22. água - chuva / water – rain	tejp <i>água / chuva</i> (E)	teⁱ (M), kehe (H)	tiainə (Mo), thek (Mak), tieng (P)
23. rio / river	kuang (E)	kōnāŋ (M), konaā (Mo)	kunaan (M), kunaan (K), konaham (Mo), kunaang (Mak)
24. casa / house	ʃé(u)h-me (E)	---	ʒeó (Mal)
25. terra / ground	háme (E)	hām (M), haham (Mo), haham (H)	aam (K), (h)aam (Mak), am (Mal), aham (P)
26. fogo - lenha / fire – firewood	ké (E)	ki (M), ki (Mo)	ke (M), ke (K), ki (Mo), ki (Mak), koiá (Mal), kōa (P)
27. corda / rope	(d)ʃidn (S)	tʃit (M)	---

28. flecha / arrow	pahn (E), padn (S)	poⁱ (M), pohoj (Mo), pohojn (H)	pahan (M), paan (Mak), poï (Mal), pohoj (P)
29. machado / ax	kfuin(g) (E), gkuagn (S)	kipik (M), kepae^s (Mo)	kafü (P)
30. frio / cold	i-fek-táme (E)	tʃap (M)	ʃae-me (M), i-ʃiohm / ʃaam (Mak), tʃaap-taŋ-maŋ (P)
31. branco / white	kat-tá (E), gathá-ma (S)	---	kattai-pah (Mak)
32. preto / black	tʃak-tabn (S)	tʃok-tap <i>preto</i> [tʃok <i>coisa</i> , <i>tap preto</i>] (M), ab-kahai (H)	taú (K), [ap]- tom (Malali), ab-tam-ma (Makoni)
33. escuro / dark	auem (E)	āmnij (M), aguī (H)	
34. beber / to drink	sóme (E), [eipna-] ʃóp [-ta] (S)	tʃo(?o)p (M), tʃoob (Mo), tʃohob (H)	tʃum (M), ʃeau (K), tʃam (Mo), ʃoohm (Mak)
35. comer / to eat	[mank-] ʃin [-a] (E), [mupad-] ʃi (S)	(man)tʃit (M)	rʃin (Mo), ʃill (Mak), sit (Mal)
36. dormir / to sleep	mammom (E)	mōjōn / mōhōn (M)	monon (M), monó (K), monón (Mo), mopung / mounon (Mak), māhonó (Mal), mohon (P)
37. dor / pain	ek-tʃuman (E)	tʃiⁱ (M)	aʃimin (K), aktʃopetam (P)
38. esconder / to hide	ʃap-tóme (E)	tʃap-top (M)	ʃa-tome (K)
39. hoje / today	hohra (E)	hōnhā (M)	ohna^a (Mak)
40. eu / I	eip / e- / ekta (E)	ĩŋ / ā (M), ĩ- (H)	i- (M), ai (Mak)
41. meu / mine	eip-jupún (S)	(ĩŋ-)jōŋ (M)	nio (P)
42. nós / we	eip-mam / eip-mann (E), eip-mun (S)	ĩŋ-mĩŋ / ĩŋmĩ?-ā (M)	i-man (K), ai-tʃom (Mo)
43. vós / you	jang-yaúme / jang-man (E)	jĩmĩŋ <i>nós [inclusivo]</i>	---

Até este momento, chegamos à mesma conclusão que Mason: o koropó se pareceria um pouco mais com o maxakali que com o puri-coroado. Neste caso, o koropó seria uma língua mista. É possível observar também que até no seu vocabulário básico (partes do corpo, verbos, adjetivos), o koropó mostra uma mescla entre o puri-coroado e o maxakali. Já em relação aos pronomes pessoais, eles se parecem mais com o maxakali. Há também um certo número de palavras compostas híbridas, em que o primeiro termo é maxakali e o segundo é puri-coroado, como em: **memp-ʃinta** [lit. “árvore-raiz”] *raiz*, **mebn-dai** [lit. “árvore-muito”] *floresta*, **ekto-boëm** [lit. “filho-fêmea”] *filha*, etc.

Nessas condições, estaríamos diante de uma situação extremamente artificial, como a encontrada em línguas em via de extinção em que os falantes misturam sua língua materna, em processo de desaparecimento, com a língua dominante. Nestes casos, o grau de mescla pode variar de um falante para outro. É essa impressão que nos passam os dados linguísticos examinados, ou seja:

- das **36** palavras parecidas com o puri-coroado, **31** são de Eschwege (E) e somente **9** são de Schott (S), e, frequentemente, não são as mesmas;

- das **43** palavras parecidas com a família maxakali, **37** são de (E) e **19** são de (S).

Temos impressão de que o koropó de Schott era um pouco “mais” maxakali que o koropó de Eschwege. Eschwege e Schott trabalharam suas listas com informantes koropó que falavam um tanto diferentemente, e que acabavam pronunciando certas palavras puri-coroado quando se esqueciam das de sua língua materna... se é que os informantes koropó não abusaram da credulidade de Eschwege e de Schott! Neste caso, a interpretação mais natural é que grande parte dos falantes koropó seria bilíngue, sendo o idioma puri-coroado a língua de prestígio nas missões capuchinhas do rio Paraíba. Por exemplo, Wied-Neuwied (1989: 104), que passou alguns dias na missão capuchinha de São Fidélis, sem ter conhecimento proficiente das línguas koropó e puri-coroado, anotou:

As línguas dos Coroados e Coropós são em extremo parecidas, e ambos, na sua maior parte, compreendem os Puris. Nosso jovem coropó, Francisco, falava todas elas.

Em contrapartida, Marlière, diretor geral dos índios em Minas Gerais, francês ao serviço de Portugal e do Brasil, dedicou - desde 1813 - longos anos à civilização dos puri, antes de trabalhar com os botocudo. Eis o que ele disse em uma carta endereçada a Saint-Hilaire, datada de 1824 (Marlière 1906: 520):

Os Coropos habitantes do Rio Pomba, cuja língua difere singularmente de todas as demais...

Vale a pena ressaltar que Marlière falava e entendia puri até um certo ponto. Esse fato nos é mencionado quando, em certa ocasião, Marlière se dirigiu a um grupo de caçadores puri falando na língua deles (Eschwege 2002: 91). E quando Marlière disse que o koropó era diferente das outras línguas, ele simplesmente quis dizer que o koropó era diferente dos idiomas que ele conhecia bem, como o puri e o botocudo, mas isso não exclui que o koropó possa ser semelhante a línguas desconhecidas por ele, como o maxakali.⁵

Mas, afinal, qual seria essa língua materna dos koropó? Seria o puri-coroado, uma língua da família maxakali, ou um idioma de outra família? A língua materna de um povo ou de uma pessoa, que mistura duas línguas, muito provavelmente não é aquela que se fala onde esse povo ou essa pessoa vive. Esse argumento geográfico é reforçado pelo fato de que, na área em que os koropó viviam, perto das missões capuchinhas do baixo rio Paraíba, a língua de prestígio era o coroadado. A língua materna dos koropó **não** podia ser aquela que eles escutavam nos lugares em que viviam, nos arredores do rio Pomba, no coração do mundo puri-coroado (cf. mapa): não podia ser o puri-coroado. Se esse fosse o caso, como os koropó teriam incluído no seu repertório linguístico tantas palavras maxakali? O mapa mostra

⁵ Observação idêntica encontra-se em Martius (1867: 308): “Os Coropós nos aldeamentos têm a sua língua já em grande parte confundida com um português muito pobre ou com as expressões de seus vizinhos e aliados, os Coroados; mas é [...] **essencialmente diferente** da dos Coroados e Puris” (grifos nossos). Agradecemos aos pareceristas anônimos da Revista LIAMES por ter salientado essa passagem. E acrescentamos que, na página 306 da mesma obra, Martius vai mais longe, separando o koropó do puri-coroado e colocando, como Rivet, o koropó e o maxakali em uma mesma família linguística.

claramente que os koropó viviam longe dos povos maxakali e, portanto, não mantinham contatos, nem superficiais, com eles. Entre os koropó e os maxakali viviam outros povos que os separavam, próximo ao rio Doce, conhecidos na época como botocado.

1.3. Até aqui, mostramos que é altamente improvável que o koropó pertença ao grupo puri-coroado por conta de sua posição geográfica (inserção no território puri-coroado) e pelo fato de que boa parte de seu léxico pertence ao maxakali, família linguística falada longe do território koropó. É bem possível que os koropó teriam vivido com parentes maxakali entre os rios Doce e Jequitinhonha, e decidido, por alguma razão, afastar-se desse seu núcleo parental, atravessando o rio Doce e incorporando-se aos puri-coroado. Se nossa hipótese estiver correta, ela mostra que Rivet tinha razão ao classificar o koropó como língua da família maxakali. Para isso, porém, é necessário ainda examinar o último terço das listas koropó:

	KOROPÓ	COMENTÁRIOS
Orelha - chifre / ear - horn	kó(h)lim (E), kohrip (S)	---
Nariz / nose	ḡirong (E)	tḡi-pip / tḡi-koj / tḡi-kap / tḡi-hī (Maxakali)
Cão / dog	tsoktóme (E)	tḡok animal (Maxakali)
Porco / pig	tekenam (E)	tratketēn (Makoni)
Tabaco / tobacco	aptḡip (E)	abtḡiahm (Makoni), abtḡip [= “fumaça”] (Coroado)
Serrote / saw	kmeb-kandi-tḡina (S)	kmeb madeira (Maxakali). Em coroado: tḡina nominalizador (?)
Ir / to go	[ḡá-] mu (E), [nem-] mou (E)	mun(g) (Puri-Coroado), mōḡ (Maxakali)
Mordida de cão / dog bite	urup-tone (E)	pītop morder (Maxakali)
Eles / they	uam-tḡone (E)	tḡop plural (Maxakali)
Sim / yes	ja (E)	Eschwege (2002: 124): “como em alemão”!
Não / no	tḡi nada (E), brok (S)	-ok (Maxakali)
Deus / god	tupā (E), tophún (S)	[< Língua Brasília (tupi): tupā]
Diabo / devil	injaüran (S)	[< Língua Brasília (tupi): apanguera ; Cf. pawuera (coroado)]
Homem branco / white man	kraiobn (S)	[< Língua Brasília (tupi): karaiwa]; Cf. krajó (coroado)]

Neste último terço das listas koropó, há também palavras que não conseguimos comentar:

Polegar / thumb	tʃambrin-kriúna (S)
Barriga / belly	i-tʃin (E)
Animal / animal	orug (E)
Galinha / hen	tʃefuame (E)
Arara / macaw	kakáp (S)
Peixe / fish	herang (E)
Barata / cockroach	ngrinngin (S)
Milho / maize	tʃumnam (E)
Bambu / bamboo	koxhégn (S)
Sol / sun	nascé-un (E)
Luz / light	po-sêem (E)
Lua / moon	nascê (E)
Raio / lightning	te-pu-po-ne (E)
Pedra / stone	nam (E)
Alma / soul	oítame (E)
Arco / bow	oksoj (E), kokʃaij / kokʃai (S)
Cera / wax	bakidsäi (S)
Faca / knife	tʃitʃajgn(a) (E), tittʃajgn (S)
Quente, caldo? / hot, stock?	ualip hon (E)
Mau / bad	tore-ká (E)

Muito / many	anguim (E), ipaipje (S)
Em cima - alto / high	pe-eôá / pê-wa (E)
Em baixo / below	auwé (E)
Pequeno / small	tupa-pâ (E)
Profundo - baixo / deep - low	doê-papa (E)
Verdadeiro / true	pserupun (S)
Amar (gostar) / to love	neka-ni-toj / neka-ni-teu (E)
Depressa! / be quick!	[ga-] hoj [-pâ] / [ga-] boj [-pâ] (E), [gá-] uj cuidado! , olhe! (E)
Devagar / slowly	pam-me-pâ (E)
Falar / to speak	[eija] hignbá (S)
Fome (ter) / hungry (to be)	mak-bap-kruan (S)
Morrer / to die	ninguim (E)
Vir / to come	[gá-] nam (E)
Vida / life	eri-in-mahon (E)
Ontem / yesterday	kaja (E)
Tu / thou	nime (E), nen / nek (S)
Ele / he	mam (E)
Onde? / where?	(h)uá (E)
1	mam (E), ipáip (S)
2	gringrim (E), alinkrin (S)

Nessa última sublista, encontramos poucos termos básicos (como “orelha”, “sol”, “lua”, “pedra”) e algumas outras palavras que não conseguimos relacionar com algum idioma. Certas palavras poderiam ser maxakali ou puri-coroado; são poucos os empréstimos do tupi-guarani. Em vista disso, podemos propor outra hipótese, embora, sabemos de antemão, ser muito improvável: o koropó era uma língua isolada cujos substratos se encontram nesta última sublista. O povo que a falava, por alguma razão, foi viver com os maxakali e, durante essa convivência, o superestrato maxakali exerceu forte

influência. Num outro momento de sua história, por alguma razão, os koropó se afastaram também dos maxakali e foram viver com os puri-coroado, que também exerceram forte influência lexical: novo idioma, novas importações massivas de palavras!

Apesar dessa possibilidade, a hipótese do koropó ser incluído na família maxakali é mais razoável. Na quarta seção deste artigo, compararemos o koropó com as outras línguas maxakali e tentaremos classificar os idiomas maxakali. Mas antes de efetuar essa comparação, vamos repensar e redefinir o puri-coroado, independente do koropó. Uma vez retirado o koropó, a que tipo de línguas podemos associar o puri e o coroado?

Antes de estudar as afinidades linguísticas do puri-coroado, tentaremos situar esse grupo no espaço e retratar a história das diversas tribos que o compunham. Esse trabalho preliminar torna-se necessário em vista das numerosas contribuições que a Arqueologia e a História têm realizado nesses últimos anos acerca da história dos puri durante o período colonial.

2. O espaço Puri-Coroado

Tudo parece indicar que o território puri-coroado estendia-se de forma contínua ao longo de toda a Serra da Mantiqueira: do estado de São Paulo no sudoeste até o rio Doce (Minas Gerais) no nordeste. Incluía, portanto, os estados de São Paulo (alto rio Paraíba), Rio de Janeiro (região de “Campo Alegre”: entre o rio Paraíba e o rio Preto, na divisa com São Paulo e o Rio de Janeiro até Três Rios), Minas Gerais (do rio Peixe, afluente do rio Paraíba até o médio rio Doce) e Espírito Santo.

Knivet (1906: 197-199, 204-205, 210-211, 256) forneceu informações valiosas sobre os puri de São Paulo em fins do século XVI. Feito prisioneiro pelos portugueses no Rio de Janeiro, Knivet serviu de intermediário e de intérprete entre os índios e os portugueses. Visitava frequentemente os puri do alto Paraíba que, conforme suas palavras, eram tapuyas (i.e., não pertenciam aos grupos tupi-guarani, como os tamoyo e os tupinambá do Rio de Janeiro) e não eram canibais; baixos e pacíficos, alimentavam-se de pinhões e dormiam em redes pequenas.

Na outra extremidade do território puri, os povos que dominavam o sertão entre Porto Seguro e o rio Doce, em meados do século XVII, eram todos de *tapuyas*, *patachós*, *aturaris*, *puris*, *aimorés* e alguns outros (Vasconcellos 1865: LI). No fim do século XVII, o bandeirante Antônio Rodrigues de Arzão subiu o rio Doce e foi o primeiro a encontrar ouro em Minas Gerais (Saint-Hilaire 2000: 45). Ele também menciona os puri como moradores da região de Mariana.

Nos séculos XVIII e XIX, os puri eram também chamados de “coroado” pelos colonizadores, o que gerou uma considerável confusão na identificação das etnias dessa região. Em 1817, Martius encontrou em Areias, na divisa entre os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, uma aldeia de índios, constituída de indivíduos provenientes de diversas etnias, que, antes dos paulistas se apossarem da Serra do Mar, habitavam em toda a extensão de mata dessa região montanhosa (Spix; Martius 1981: 119):

Não sabendo os Portugueses distingui-los uns dos outros, deram-lhes o nome de *Coroados*, porque eles costumam raspar o topo da cabeça, só deixando uma coroa de cabelo [...]. Atualmente, a sede dos Coroados é nas margens do Rio Pomba, um tributário do Paraíba [...]. Restos da mesma nação são também os que moram, juntos, na aldeia de Valença [...], entre o rio Paraíba e o rio Preto.

E justamente um ano antes, em 1816, Saint-Hilaire (2000: 27-33) encontrou um grupo coroadado no rio Bonito, um subafluente do Paraíba (perto de Valença, estado do Rio de Janeiro). Com a ajuda de alguns desses indígenas, elaborou um pequeno vocabulário mostrando que esses coroadado falavam a língua puri. No entanto, Ayres de Casal (1845: 26) dá a esses mesmos índios, que moravam no começo do século XIX em Valença e em toda a região de Campo Alegre, o nome de puri⁶. Entre o rio Paraíba e o rio Preto, de Três Rios até a divisa com São Paulo (região de Campo Alegre), havia “puri” ou “coroadado” em Valença, “coroadado” nos arredores de Resende e “puri” em Queluz. No entanto, todos esses índios, nominados ora como puri ora como coroadado, formavam um só grupo étnico e falavam uma só língua, o idioma que chamamos **puri-coroadado**.

Havia também puri-coroadado no rio Peixe, um afluente do Paraíba, ao norte de Valença e do rio Preto. Conforme Eschwege (2002: 76), a primeira aproximação amistosa dos coroadado e koropó ocorreu no sertão do rio Pomba e do rio Peixe em 1763. Esse mesmo cientista notou que os puri também chamavam aos coroadado de puri e que eles se subdividiam em várias grupos que travavam guerras entre si (Eschwege 2002: 90).

Enquanto os puri-coroadado ocupavam todo o espaço entre Queluz (São Paulo) e o rio Doce (Minas Gerais), parece-nos que os koropó moravam somente no rio Pomba, um afluente do médio Paraíba, em extrema união com os seus vizinhos puri-coroadado. Por causa dessa profunda amizade recíproca (Eschwege 2002: 93), não é de estranhar que, nos séculos XVIII e XIX, os koropó foram muitas vezes confundidos com os coroadado, estes às vezes considerados como o resultado do cruzamento dos koropó com os temíveis guaitacá.

O breve repasse histórico-geográfico que acabamos de apresentar teve como propósito mostrar que o espaço ocupado pelos puri-coroadado devia ser contínuo de São Paulo ao rio Doce. De modo particular, eles ocupavam também **todo o espaço entre o rio Preto e o rio Paraíba**, de Queluz ao Paraíbauna.⁷ No entanto, o mapa etno-histórico de Nimuendajú (1987) não mostra essa continuidade. Nesse mapa, os puri e os coroadado aparecem em duas áreas descontínuas: uma no alto Paraíba até Queluz (estado de São Paulo), e outra do rio Pomba ao rio Doce (estado de Minas Gerais). Entre essas duas áreas, entre Queluz e o Paraíbauna, há um vazio de 200 km. Ao nosso ver, esse espaço vazio era certamente ocupado, na sua integralidade, de Queluz a Três Rios e a Barbacena, pelos puri-coroadado. A comprovação dessa ocupação territorial contínua encontra-se no vocabulário de Saint-Hilaire, colhido, como vimos, por esse pesquisador entre *os coroadado do rio Bonito*, perto de Valença, exatamente no centro daquele espaço. Loukotka (1937: 157) afirma que os coroadado de Saint-Hilaire viviam “perto de Ubá, no estado de Minas Gerais”. No entanto, Saint Hilaire nunca passou por Ubá (Minas Gerais): seu pequeno vocabulário foi coletado no *Ribeirão de Ubá*, bem na margem do rio Paraíba, perto de Valença, no estado do Rio de Janeiro. Da mesma forma, Métraux (1963_b: 523) declara que os coroadado ocupavam o espaço entre as serras de São Geraldo e da Onça, no estado de Minas Gerais, o que é longe de ser exaustivo. Muito

⁶ Ayres de Casal fala de *puri* cristianizados. Mas não o eram em 1800, quando o vice-rei incumbiu o fazendeiro de Pau-Grande (perto de Valença) de “proceder à civilização” dos índios coroadado dessa região, que eram então considerados “índios selvagens” (Saint-Hilaire 2000: 27).

⁷ “Espaço contínuo” não significa necessariamente que negamos a existência de outros grupos etnolinguísticos naquele espaço. Por exemplo, sabemos que, perto de Valença, viviam os *coroadado puri* e os *coroadado arary* (Ayres de Casal 1845: 26), mas não sabemos qual era a língua desses *arary*.

provavelmente, esses autores confundiram - como nós em uma primeira leitura! - a cidade mineira de Ubá com o pequeno riacho fluminense homônimo, onde Saint-Hilaire encontrou o grupo de coroados do rio Bonito, entre o rio Paraíba e o rio Preto.

Nesses últimos anos, várias contribuições valiosas surgiram acerca da história dos puri-coroados. Há historiadores que sustentam uma origem paulista para os índios puri e coroados (Reis 1965). Forçados a migrar pelas bandeiras paulistas, esses indígenas teriam fugido na direção do rio Doce. Todavia, já se falava dos puri do rio Doce desde os meados do século XVII, antes do desabrochamento das bandeiras paulistas (Vasconcellos 1865).

Para o arqueólogo Luft (2000), as sociedades puri e coroados teriam se desenvolvido na região do rio Pomba (Minas Gerais). No entanto, não podemos esquecer que o padre Francisco das Chagas fundou Queluz em 1800, juntando índios puri que “ocupavam de tempos imemoriais seis léguas de mata [...] que nesta Capitania de São Paulo se acham entre a Serra da Mantiqueira e o rio Paraíba” (Lima 1885: 72); e já relatamos, no começo desta seção, os vários encontros pessoais de Knivet com os puri de São Paulo no século XVI.

Para outros, a palavra “puri” seria um termo genérico, como “tapuya” ou “bugre”, utilizado para designar todos os grupos étnicos que viviam entre São Paulo e Espírito Santo. Para alguns, os puri-coroados seriam os últimos descendentes dos guaitacá, habitantes do litoral norte do que hoje é o estado do Rio de Janeiro. Como os guaitacá desapareceram sem que uma simples palavra de sua língua fosse registrada, tal asserção pode parecer gratuita (Métraux 1963a: 521).

3. O Puri-Coroados: Uma língua isolada

Foi Mason (1950: 287-288) quem propôs, pela primeira vez, o termo *macro-jê*, para um conjunto de famílias cujas relações de parentesco estão longe de ser comprovadas, já que as semelhanças lexicais encontradas nelas podem ser ou não uma consequência de contatos e de empréstimos linguísticos. Nesse macro-jê virtual, Mason inclui o puri e o coroados.

Para comparar o puri e o coroados com outras línguas, examinamos detalhadamente três vocabulários puri e quatro vocabulários coroados, escolhendo somente as palavras que aparecem recorrentemente nessas listas lexicais, i.e., em pelo menos dois autores. Obtivemos assim **90 palavras** que provavelmente devem pertencer ao puri-coroados. Com dados tão reduzidos, não pudemos fazer nenhuma observação gramatical.

Não foi possível também deduzir - a partir do material que dispomos - nenhuma regra de correspondência fônica uma vez que a maioria dos termos é semelhante. As diferenças encontradas podem ser atribuídas a transferências do sistema fonético-fonológico dos pesquisadores daquela época, não acostumados a ouvir sons estranhos, para as anotações escritas que faziam. Na impossibilidade de estabelecermos regras de correspondências, tentamos em vão esclarecer as regras gráficas que aqueles pesquisadores se impuseram e não nos pareceu haver sistematicidade alguma. Nos vocabulários de Martius e de Marlière, por exemplo, há mistura de grafias portuguesas, italianas e alemãs. O uso de acentos e outros diacríticos (V̇, V̂, Ṽ, V̄, Vh) não vem acompanhado da devida explicação sobre os seus significados.

Para o puri, temos as seguintes listas:

- (M) Lista de Martius (1863: 194-195) Elaborada em 1818 perto de São João do Pesídio (hoje Visconde do Rio Branco, Minas Gerais).
 (E) Lista de Eschwege (2002: 122-127) Elaborada em 1815 perto de São João do Presídio.
 (T) Lista de Torrezão (1889: 511-513) Elaborada em 1885 em Abre-Campo (perto de Manhuaçu, Minas Gerais).

Para o coroadado, temos as seguintes listas:

- (M) Lista de Martius (1863: 195-198) Elaborada em 1818 perto de São João do Presídio
 (E) Lista de Eschwege (2002: 122-127) Elaborada em 1815 perto de São João do Presídio.
 (Mar) Lista de Marlière (Martius 1889: 198-207) Elaborada em 1817-1819 nas missões do baixo Paraíba.
 (SH) Lista de Saint-Hilaire (2000: 33) Elaborada em 1816 perto de Valença (Rio de Janeiro)

	PURI	COROADO
1. cabeça / head	guèh (M), a-nguê (E), nguê (T)	gueh (M), gué (E), gué (Mar), ké (SH)
2. cabelo / hair	kê (T)	gué (M), gehû-kalté (E), gué (Mar)
3. testa / forehead	porèh (M), poreh (T)	pohré (M), pôré (E)
4. orelha / ear	bipihna (M)	pèuti / pepehna (M), penta / penenta (E), pepehna / penta (Mar)
5. olho / eye	mirih (M), mri (T)	mereng / merim (M), merin / meré (E), m(e)rim / mereng (Mar), murim (SH)
6. nariz / nose	ijni (M), ah-m'ni (T)	ɲeng (M), ɲé (E), ɲim (SH)
7. boca / mouth	forèh (M), tforé (T)	tforé / (t)fory (M), tfôré (E), tfore (Mar), fori (SH)
8. dente / tooth	tfeh (M), u-tfé (T)	tfé (M), tfé (E), tfé (Mar)
9. língua / tongue	toppeh (T)	tobeh (M), tom-pé (E), topé (Mar), tão (SH)
10. pé / foot	fabrera (M), fapêprêra (T)	jaru / tɟaperré (M), kakóra (E), t'ɟaperré (Mar), ɟupare-wan (SH)
11. perna / leg	katèhra / tɟàra-aüra (M), katehra (T)	in-tɟara / sùbryeh (M), jará (E), in-tɟara (Mar)
12. joelho / knee	tuonri (T)	thorin (Mar)
13. mão / hand	fabrera (M), faperré (E), fapeprera (T)	kokorre / ɟaperré (M), ɟa-pré / tɟopré / ɟaparé (E), ɟaperre (Mar), ɟuparé / tupié (SH)
14. braço / arm	kokòhra (M), lakareh (T)	kakora / kakorre (M), kakóra (E), kakora / ɲat (Mar), ɲat (SH)
15. barriga / belly	tiking (M), tikim (T)	tengike (M), tè-kè (E)
16. pescoço / neck	thong (M)	tong (M), thon (E)
17. peito / chest	puiltha (M)	puira (M), puará (Mar)

LIAMES 15(2)

18. seio / breast	mniatà (M), ɲamanta (E), ɲamantah (T)	mniamétta / rhamanta (M), ɲamanta (E)
19. sangue / blood	krim (E), ah-tl'im (T)	krim (E)
20. carne / meat	hanni-ké (E), arikhé (T)	hanike (M), hanniké (E), haniké (Mar)
21. pele / skin	pèh (M), peh (T)	pe(h) (M), pé (E)
22. vagina / vagina	takkòh (M), tokoh (T)	tokòh (M)
23. pênis / penis	feng (M), a-fim (T)	seng (M)
24. flor / flower	[pou-] baina (M), pl'okeh / [pô-] pâna (T)	[po-] ponaim (M), [po-] ponaim (Mar)
25. folha / leaf	djop'leh (T)	tfopé (M), tfopè / tfupan (Mar)
26. fruta / fruit	mo-rkeh (M)	bo-arké (E)
27. ovo / egg	---	paki (M), pakké (E), poké (Mar)
28. homem / man	guaé-ma (M), kuai-ma (E), hakorre-ma (T)	guai-ma / kuei-man (M), kuai-ma (E), koai-ma (Mar), kuai-man (SH)
29. mulher / woman	mbai-ma (M), boë-mann (E), mbf'ê-ma (T)	aje / boj-man / bai-man (M), ajé (E), boj-man (Mar), boi-man (SH)
30. pai / father	attèh (M), ahré (E), faré (T)	hakré (E), hale / uaré (Mar), selæa (SH)
31. mãe / mother	titfeng (M), ajam (E), ijan (T)	ɲaman (M), ajan (E), ajan / ɲaman (Mar), jua (SH)
32. avô / grandfather	antah (T)	etta (E)
33. filho / son	fambé (E), fambé (T)	fambé (M), fambé (E), fambé (Mar), sme-jua (SH)
34. irmão / brother	femaung (M), maka-fajtane (E), fahtâm' (T)	moka-fatane (E), tfataj-koain (Mar)
35. criança / child	herkuma ? (E)	fapoma (M), fá-poma (E), fapóma (Mar), spo-na (SH)
36. peixe / fish	ɲamakê (T)	manaké (E), manaké (Mar)
37. pássaro / bird	fipú (T)	fippú (M), fapu / fipou (E), fippú (Mar), proono [= "inambu"?] (SH)
38. árvore / tree	u-mbòh (M), a-mbo (E), mpó (T)	a-mbòh (M), a-mbó / bon-daj (E), a-mbó (Mar), bó (SH)
39. sol / sun	poopê (E), oppeh (T)	obèh (M), hopé (E), obéh / opeh (Mar), kopé (SH)
40. luz / light	poteh [= "fogo"] (T)	putapé (E), putapé (Mar)
41. lua / moon	phethania (M), petahra (T)	petáhra (M), petah-ra (E), petáhra (Mar), pergran (SH)

42. estrela / star	thiùhli (M), melikô-na (E), fúri (T)	jurih (M), poundóri (E)
43. raio / lightning	ɲamam-preri (E)	paté-takuem (M), ɲaman-purèri (E), paté-takuem (Mar)
44. tardinha / evening	tuɟahih / tuɟàra (M), tofora (E), tofá (T)	tatusaih / tafare (M), tefare (Mar)
45. água / water	mɲamâ(ng) (M), m(u)ɲâmâ (T)	mɲamâ / ɲaman (M), ɲaman (E), ɲaman (Mar), ɲuman (SH)
46. vento / wind	nam-d'jota (E)	nan-d'jóta (E)
47. floresta / forest	mon-taj (M)	monteh-herkuma / bondaj (M), bondaj (E), bondaj / herkuma (Mar)
48. casa / casa	guàra / kuari (M), nguára (T)	guàra (M), goára (E)
49. pedra / stone	aldoa (E), uk'huá (T)	ùkah (M), hoka (E)
50. areia / sand	gavi-ly (E)	küi-füi (E)
51. terra / ground	guafêh (M), ufô (T)	of (M), wafé (E)
52. fogo / fire	poth(a)èh (M), potê (E), poteh (T)	potè / putapé (M), pohê (E), poté (Mar), moté (SH)
53. montanha / mountain	prê-d'jekka (E)	prè (M), pré-heru-ma (E), prè (Mar)
54. noite / night	mirribauana (M), tamariponam (E), mripôn (T)	miribuang / mari pawanta / marim ponwan (M), tamari popan (E), mari pawanta / marim ponwan (Mar)
55. quente / hot	prehtôn (T)	préton (M), per-tton (E), préton (Mar)
56. frio / cold	ɲamaitú (T)	ɲamantá (M), ɲamánta (E), ɲamantá (Mar)
57. muito / muito	prika (Balbi)	pourika (M), apurika (E), pourika (Mar)
58. beber / to drink	ga-mbà (M), mba (T)	bá (M), mambá (E), (m)ba (Mar)
59. comer / to eat	mafê / mafí (M), mafê (T)	gefeu (M), mafé / anga-fé (E), mafé (Mar)
60. fome / hungry	taim bôna (M), temembôno (T)	areteur bónum (M), areteur bónum (Mar)
61. morder / to bite	tɟimurung (M), trɟemurung (T)	murughi (E)
62. dormir / to sleep	thàra (M), katahra (T)	kapakari / tehré greme (M), matérra (E), téra / tehré (Mar)
63. morrer / to die	ndran (T)	tagrap-on (M), hétagran (E), tagrap-on (Mar)
64. matar / to kill	ɟambòhna (M), mopô (T)	tí-mopo (Mar)
65. ir / to go	mung (M), mum / mo (T)	mung (M), mou (E), mun (Mar)

LIAMES 15(2)

66. dar / to give	[ung-] pu (M)	pô (E), pu (Mar)
67. dizer / to say	kojah (T)	kuajá (M), kuaja (Mar)
68. de pé / to stand	pl'euák (T)	preohá (M), prèoha (Mar)
69. eu / I	ah (T)	maké / majaké (M), makê (E), ma(ja)ke (Mar)
70. tu / thou	dieh (T)	tekê (E), (a)nga (Mar)
71. nós / we	---	pajike (E)
72. vós / you	---	tiké-teka (E)
73. anta / tapir	pennân (T)	painá (Mar)
74. porco / pig	sotan (T)	foran (E), foran (Mar)
75. onça / jaguar	pon-an (T)	panan (Mar)
76. macaco / monkey	tanguah (T)	tanguá (Mar)
77. bugio / howler monkey	tokeh (T)	toké (Mar)
78. jacu / guan	pittah (T)	tupîta (E)
79. arara / macaw	matáre (E), djasvatahra (T)	patane (E), puturang (Mar)
80. abelha / bee	butan (T)	putâng (M)
81. mandioca / manioc	bihuh (M), veizuh (T)	bifu (E), bifú (Mar)
82. capim / grass	spanguéh (M), fapúko (E), fîpamph (T)	sapakoh (M), fapú-ko (E)
83. milho / maize	maky (M), maki (T)	maheky (M), maki (E)
84. tabaco / tobacco	póke (M), pokeh (T)	abtjîgn (M) [= “fumaça”], bok-ké (E), boké (Mar)
85. alma / soul	tutak (E)	tutak (E)
86. arco / bow	mirining (M), ohmrin (T)	mirinang / merinde (M), merindé / omerine (E), merinde / mripi (Mar)
87. corda / rope	pakeh (M), tumah (T)	paké (Mar)
88. flecha / arrow	obouug (M), aphon (T)	abòng / aphòn (M), ap-hon / apûm (E), pun / aphon (Mar)
89. machado / ax	guamaratèh (M)	gàmang / gamaran (M), kramman / kamaran (Mar)
90. panela / pan	pom (T)	popong (E), popan (Mar)

Desse conjunto de cognatos, haveria alguma diferença dialetal possível entre o puri e o coroadó? Eschwege, Marlière e outros viajantes já tinham notado que as línguas dos coroadó e a dos puri apresentavam muitas semelhanças, a ponto de os dois povos ainda se entenderem (Eschwege 2002: 101). Encontramos apenas uma diferença na palavra para “peixe” (36), mas, em puri, essa palavra aparece somente em uma lista, permitindo-nos supor que essa diferença poderia ser o fruto de um erro tipográfico.

E entre vários vocabulários puri-coroadó, haveria alguma diferença dialetal? Haveria diversos dialetos puri-coroadó? Pensamos que a pequena lista de 22 palavras coroadó de Saint-Hilaire poderia evidenciar algumas diferenças. Por exemplo:

(5) **murim** *olho* Nas outras listas: **mjri(n)**

(9) **tão** *língua* Nas outras listas: **to(m)pe**

(45) **ɟuman** *água* Nas outras listas: **ɟaman**

Infelizmente, a lista de Saint-Hilaire é extremamente reduzida para podermos chegar a alguma conclusão.

Concluindo: nada nas listas comprova que haja, entre o puri e o coroadó, alguma diferença fônica recorrente ou alguma diferenciação lexical. Assim, a dialetologia puri-coroadó permanece por ora, pelo menos, fora de nosso alcance.

Vamos agora comparar a lista de 90 palavras com as famílias linguísticas mais próximas do espaço geográfico puri-coroadó: o maxakali, o kamakã, o tupinambá, o krenak (botocudo), o jê (xakriabá), etc.

É tradição nos meios linguísticos que o puri-coroadó pertence à superfamília macro-jê. Isso se deve, ao nosso ver, ao fato de que sempre se inclui o koropó nas listas comparativas puri-coroadó e macro-jê (Rodrigues 1999: 199-201). E era justamente o peso do koropó que aproximava o puri-coroadó das línguas macro-jê. Isso ocorre, por exemplo, com as palavras koropó **memp** / **mebn** “árvore”, **fop** / **fome** “beber”, **teĩn** “chuva”, **eĩn** “eu”, que são na realidade palavras maxakali (Rodrigues; Cabral 2007: 176-178). Em outros termos, essas comparações mostravam tão somente que o koropó/maxakali, mas não o puri-coroadó, tinha afinidades com as outras línguas macro-jê!

Uma vez excluído o koropó do puri-coroadó, como vimos acima, voltamo-nos agora para o maxakali e descobrimos que o puri-coroadó e o maxakali não se parecem um com o outro: somente três palavras pertencendo ao vocabulário básico têm alguma semelhança formal (“cabelo”, “comer”, “andar”). Com material tão reduzido, nenhuma correspondência fônica pôde ser detectada. Tampouco se encontrou empréstimos nos léxicos zoológico e botânico:

	Maxakali	Puri-Coroadó		Maxakali	Puri-Coroadó
Cabelo	tʃe	ke / ge	Andar	mõŋ	mũg
Comer	tʃit	(ma)ʃe	Flecha	pohoj (Maxakali), pahan (Makoni)	(a)põg

O puri-coroadó também não se parece com o kamakã: somente duas palavras pertencendo ao vocabulário básico têm alguma semelhança formal (em kamakã: **ke** “cabelo”, **mãg** “andar”; em puri-coroadó: **ke** “cabelo”, **mũg** “andar”). Tampouco encontramos empréstimos no léxico zoológico e botânico (exceto **jana** [kamakã] *ave* e **tfana** [puri-coroadó] *jacu*).

As semelhanças entre o puri-coroado e o krenak (botocudo) são mais importantes (7% do vocabulário básico), mas insuficientes para estabelecermos correspondências fônicas:

	Krenak	Puri-Coroado		Krenak	Puri-Coroado
Cabelo	ke	ke / ge	Matar	ampok	ʃampo(na), mopo
Carne	ɲik	hanike	Andar	mũ	mũg
Raiz	dʒítak	kinta	Palmeira	põtiak	potan
Luz	amot	pote	Machado	karak-ma	kramman
Água	mĩɲan	(m)ɲama			

As semelhanças entre o puri-coroado e o kariri, ou entre o puri-coroado e o yatê, são ainda menores. Com o tupi-guarani, as semelhanças são poucas, não mais do que 6% do vocabulário básico:

	Tupinambá	Puri-Coroado		Tupinambá	Puri-Coroado
Boca	juru	tʃ-ore	Homem	akwaimaʔe	kwaima
Dente	ãj	tʃ-e	Chuva	aman	ɲaman
Peito	potiʔa	puira	Mandioca	^m beju <i>beiju</i>	bijũ [provável empréstimo tupi]
Pele	pir	pe			

As semelhanças entre a família jê e o puri-coroado são igualmente pequenas, não mais que 7% do vocabulário básico e, portanto, insuficientes para estabelecermos correspondências fônicas recorrentes (cf. a nossa proposta de classificação da família jê no anexo I). Rotulando **(Ak)** para akuwê, **(Jê)** para timbira-kayapó e **(Ka)** para kaingáng, temos:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Puri-Coroado		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Puri-Coroado
Cabelo	kĩ (Jê), -ki (Ka)	ke / ge	Sol, lua	pít / bədə (Ak/Jê), piri (Ingain)	petara
Nariz	-ĩja (Ak/Jê), -ĩjê (Ka)	ɲej / ɲĩ	Casa	warā (Ak), wāre (Ka)	gwara
Boca	-ad(a) (Ak/Jê), -āt (Ka)	tʃore	Andar	mō (Ak/Jê), mũ (Ka)	mũ
Pé	par(a) (Ak/Jê), pēn (Ka)	tʃapera	Cantar	kre (Ak/Jê), gren (Ka)	ãg(e)re
Pássaro	si (Ak), -ẽ-sĩ (Ka)	ʃipu	Machado	kr̄l-mēɲ (Jê), meg (Ka)	kramman

Encontramos algumas poucas semelhanças entre o puri-coroado e a família jabuti (sobretudo o arikapu), mas sem o menor vestígio de correspondências fônicas:

	Jabuti	Puri-Coroado		Jabuti	Puri-Coroado
Cabeça + Cabelo	kai [arikapu]	ke / ge	Nariz	nĩnĩ-	ɲi
Boca	tʃarə [-i] [arikapu]	tʃore	Peito	bə(ri)ka	puira
Pé	prai [arikapu]	tʃapre	Carne	nĩ	(h)anike

Tampouco encontramos semelhanças significativas entre o puri-coroado e as línguas das famílias pano, takana, chiquito, karajá, yanomami, tarumá, arawak, karib, tukano, etc.

Resumindo: ao longo dessa seção, tentamos, sem sucesso, relacionar nossa lista de 90 palavras puri-coroado com várias famílias de línguas, mas nosso intento sempre fracassou. Nessas condições, deixemos esse debate em aberto e por ora julgamos mais prudente dar ao puri-coroado um estatuto de família independente das outras ou, como se costuma dizer, de língua isolada.⁸

4. A família maxakali: Classificação interna

Não conhecemos detalhadamente a delimitação do espaço territorial maxakali no início da colonização. A invasão, a destruição e a aniquilamento dos territórios maxakali pelos botocudo (krenak) e pelos bandeirantes paulistas começaram provavelmente nos meados do século XVIII. Já no começo do século XIX, os makoni, os panhame e outros grupos maxakali serviram os portugueses nas guerras contra os botocudo, sendo deslocados de um lugar para outro e, portanto, sem território definido (Eschwege 2002: 84). O que sabemos é que, em 1734, os “machakari”, juntos com os “panhame”, os “kumanaxo” e os “kapoxó” (capuchos) foram vistos em grandes aldeamentos no alto Mucuri, perto da atual cidade de Teófilo Otoni (Minas Gerais). Quando Wied-Neuwied (1989: 174-175) passou na foz do rio Mucuri em 1816, essas aldeias há muito tempo não existiam mais.

Não temos levantamentos fonológicos ou gramaticais para a maioria dos idiomas extintos da família maxakali. Portanto, a classificação interna desta família depende basicamente de dados lexicais. Dos poucos dados maxakali disponíveis emergem imediatamente um certo número de “clades”, no dizer dos biólogos, ou subgrupos assim distribuídos:

- o **maxakali moderno** e o monaxobm de Nimuendajú (Loukotka 1963: 30-31), cujos falantes vivem na vale do Mucuri e nas cabeceiras do rio Itanhaém em Minas Gerais. A comparação lexical mostra que o maxakali moderno e o monaxobm são uma mesma língua.

- o **machacari antigo** (começo do século XIX), composto de vários clãs ou grupos rituais que falavam a mesma língua ou dialetos da mesma língua (†machacari, †monoxó, †makoni, †kapoxó, †kumanaxó, †panhame, etc.),

⁸ Concordamos plenamente com Campbell e Mithun (1979: 37) quando dizem: “Failing to group languages now leaves the option open for the future, while grouping in error may establish an unsubstantiable family which is then fed into further comparisons, multiplying errors elsewhere”. Possuímos um vasto acervo de dados lexicais que abrange a maioria das línguas indígenas da América do Sul. Esse banco de dados está ao dispor de todo pesquisador que deseja aprofundar o assunto ou pôr à prova outras possíveis afiliações ou afinidades.

cujo idioma parece extinto. Antes da dispersão dos anos 1750, esses grupos viviam entre os cursos superiores dos rios Mucuri e São Mateus, possivelmente alcançando o Jequitinhonha ao norte e o Suaçuí Grande, afluente do rio Doce, ao sul. Depois de 1750, uma verdadeira diáspora, provavelmente provocada pelos botocudo, obrigou os machacari a procurar refúgio nos estabelecimentos portugueses: no litoral atlântico (da foz do rio Mucuri até o rio Itanhaém), no quartel de Alto dos Bois (perto de Minas Novas) e no quartel de Peçanha. Saint-Hilaire (2000: 170) relata que os monoxó viviam no Cuyaté (rio Doce, perto da foz do rio Suaçuí Grande), provavelmente em 1800, antes de buscar refúgio em Peçanha.

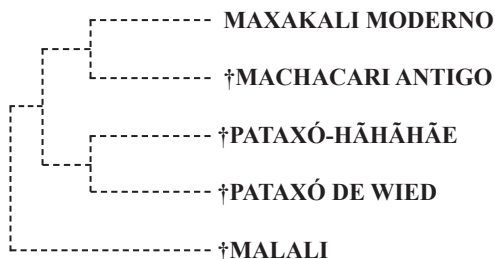
- o †**pataxó de Wied**, cujos falantes viviam entre o rio Mucuri e Porto Seguro, no sul da Bahia, pelo menos desde o começo do século XVII.

- o †**pataxó-hãhãhãe**, cujos falantes viviam do baixo rio Pardo até o rio de Contas, no sul da Bahia, pelo menos desde o começo do século XIX.

- o †**malali**, antigamente falado entre o Jequitinhonha, o Araçuá e o Suaçuí Grande (Minas Gerais).

- o †**koropó**, cujos poucos falantes conviviam, no fim do século XVIII, com os puri-coroado no rio Pomba (Minas Gerais).

Há fortes evidências lexicais para a definição dos seis clades linguísticos acima mencionados. No entanto, como esses clades se combinam entre si para formar a família maxakali está longe de ser claro, já que a escassez de dados sobre línguas extintas nos impedem de encontrar dicotomias seguras. Portanto, a árvore maxakali apresentada abaixo (excluindo o koropó) não é segura e as dicotomias propostas precisam de análise cautelosa antes de serem assumidas como definitivas:



Para sustentar essa classificação, elaboramos uma lista de palavras maxakali cognatas com, pelo menos, dois dos cinco clades anteriores. Obtivemos assim uma lista de 130 palavras (cf. anexo II). Para as línguas extintas, utilizamos as seguintes listas:

(M)	†Machacari (Saint-Hilaire 2000: 274; Wied-Neuwied 1989: 509-510)	[1816-1817]
(K)	†Kapoxó, †Kumanaxó, †Panhame (Martius 1863: 170-172)	[1818]
(Mo)	†Monoxó (Saint-Hilaire 2000: 181)	[1817]
(Mak)	†Makoni (Saint-Hilaire 2000: 212; Martius 1863: 173-176; Wied-Neuwied 1989: 512-513)	[1816-1818]
(Mal)	†Malali ⁹ (Saint-Hilaire 2000: 181; Martius 1863: 207-208; Wied-Neuwied 1989: 511-512)	[1816-1818]
(P)	†Pataxó de Wied (Wied-Neuwied 1989: 510-511)	[1816]
(H)	†Pataxó-Hãhãhãe (Meader 1978: 45-50; Loukotka 1963: 32-33; Silva; Rodrigues 1982)	[século XX]

⁹ Não sabemos exatamente em que local Wied-Neuwied coletou sua lista de palavras malali, embora ele mencione onde uma parte dos malali estava localizada, perto do rio Suaçuí Grande e de Peçanha (Wied-Neuwied 1989: 176). Como o príncipe não chegou até lá, conforme mostra seu mapa, seria muito interessante saber de onde exatamente obteve esses dados.

4.1. No estudo realizado em 1939 por Nimuendajú (1958: 54), o autor notou que o maxakali ou monaxobm e o monoxó de Saint-Hilaire eram línguas aparentadas, mas não idênticas. Nosso estudo confirma que as modalidades históricas transcritas, no começo do século XIX, por Martius, Saint-Hilaire e Wied-Neuwied, sob os nomes de “machacari”, “kapoxó”, “monoxó”, “makuni”, etc., de fato, não correspondem exatamente ao maxakali falado atualmente. Por exemplo, comparemos as diferenças entre o maxakali moderno e as modalidades extintas:

	MAXAKALI MODERNO	†MACHACARI (S.Hilaire, Wied-Neuwied)	†KAPOXÓ / †KUMANAXÓ / †PANHÁME (Martius)	†MONOXÓ (S.Hilaire)	†MAKONI (S.Hilaire, Martius, Wied-Neuwied)
1. nariz	tʃipip	ni-tsikoe	ni-fikoi	ni-tʃikoj	in-fikoi / e-ni-fikə
2. língua	jĩntʃõg / jõetʃõ	---	ʃapetan	tʃapetan	a-sabotah
3. perna, coxa	patʃikotʃik <i>coxa,</i> pata-ptotʃ <i>perna</i>	tʃeknoi <i>coxa,</i> kené <i>perna</i>	in-feinon <i>coxa,</i> i-káne <i>perna</i>	enpé <i>coxa,</i> en-piotá <i>perna</i>	i-kanaihl / in-kazhe <i>coxa,</i> i-niotah <i>perna</i>
4. pescoço	tʃiknikip, mājkotʃ / tʃitkotʃ <i>garganta</i>	---	---	i-ktakai	in-katakaj / it-katekai
5. sangue	hep	id-käng	kan / id-käng	---	üb-küm, in-kö
6. ovo	tʃiʔik	niptim	---	---	am-nientin
7. mulher	ihĩn, hej, tʃetit <i>esposa</i>	atitiom / etiatün	atition / tih	atifum	attech / ati
8. sol	mājõn	apokai	apukoj	---	apukai
9. lua	mājõn-hej	puá	pua	---	pujal / puaan
10. rio	kojto riacho [takoj <i>ânus</i>]	itakoj	itakoj	---	(kunaang)
11. molhado	patõ	---	kevi	---	ikeu(ng) biba
12. não	hok, -ʔak / -ʔah / -ʔap	---	aptou / pinjavo	---	abtoh, poé

Como explicar tantas discrepâncias? Uma primeira possibilidade seria admitir que os ancestrais da maioria dos maxakali atuais não foram entrevistados pelos naturalistas do século XIX. Tal hipótese implicaria que um grupo maxakali tivesse passado despercebido nas divisas dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, apesar da presença agressiva dos botocudo, e que a língua desse grupo particular tivesse contribuído mais que a dos grupos extintos na formação do maxakali moderno.

Há uma segunda possibilidade. Sabemos que os maxakali utilizam nos seus cantos um vocabulário bastante diferente da língua falada atual, e parte desse vocabulário ainda é empregado na fala dos maxakali mais velhos (Campos 2009: 29-31). Isso poderia sugerir que havia entre os povos maxakali uma língua comum ou franca, além das línguas maternas usadas cotidianamente, e talvez seja também por isso, na opinião de Campos, que há tanta diferença entre as línguas da família. De fato, podemos identificar várias palavras arcaicas ou da língua dos cantos nos vocabulários escritos do século XIX (Campos, em comunicação pessoal):

	MAXAKALI MODERNO	†MACHACARI (S.Hilaire, Wied-Neuwied)	†KAPOXÓ / †KUMANAXÓ / †PANHÁME (Martius)	†MONOXÓ (S.Hilaire)	†MAKONI (S.Hilaire, Martius, Wied-Neuwied)
49. árvore	mīp, abaʔaj [arcaico]	abaa j	abaa j	---	aboo j
53. estrela	mājōn-nāg, ahtʃi [l. dos cantos]	aʃi	aʃim / afojinam	---	asih / sai
60. pedra	mīkaj, komtaj [l. dos cantos]	---	kutaj	---	komtaj
81. ver	hēnāhā, pami [l. dos cantos]	---	va-pavi	---	da-babih
105. cão	kokej, tʃoktʃamap [l. dos cantos]	totʃukʃauam	---	kukej	poko

No entanto, não sabemos se essa hipótese poderá explicar todas as divergências que foram registradas entre a língua atual e suas modalidades passadas, como as 12 palavras acima mencionadas. Por enquanto, julgamos mais prudente manter separados os dois primeiros clades (“maxakali moderno” e “†machacari antigo”) e deixar o debate aberto para o futuro.

E o koropó? Os poucos dados que temos mostram que o koropó deve ser inserido em um desses dois clades, talvez com o makoni ou com o kapoxó.

4.2. A língua pataxó-hãhãhãe extinguiu-se no fim do século XX. Possuímos vários vocabulários dessa língua, como o de Pickering, que recolheu mais de 160 palavras pataxó-hãhãhãe (Meader 1978: 45-50). Essa lista de palavras mostra claramente que o pataxó-hãhãhãe é parente linguístico do maxakali moderno, com correspondências fônicas bem delineadas e bastante regulares (Meader 1978: 9). Acrescentando mais duas correspondências, temos:

MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
k	> ʔ (ou desaparece)
t	> k
p	> b
-n- / -j-	-ŋ-
i	ʌ

Comparemos:

MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE	MAXAKALI	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
pitoj	ba _{koj} <i>cabeça</i> (1)	kip	ʔip-tfuj <i>osso</i> (26)
pata	paka <i>pé</i> (12)	kãjã	ʔãŋã <i>cobra</i> (110)
mãjõn	ma _{ŋu} <i>sol</i> (50)	-ipkoj	ẽpʔoj <i>orelha</i> (6)
tfipkĩnãj	tfʌmãŋãj <i>fígado</i> (25)	tep-ta	keb-ka <i>banana</i> (121)
kokej	woe < ʔoʔe <i>cão</i> (105)		

Calculando o número de cognatos em comum, constatamos que o pataxó-hãhãhãe compartilha, pelo menos, 70% do vocabulário básico com o maxakali moderno. Em consequência, na árvore que propusemos, achamos bastante razoável que o clade “pataxó-hãhãhãe” seja irmão do clade “maxakali moderno/machacari antigo”. Em outras palavras, o “maxakali moderno” e o “machacari antigo” seriam irmãos, e o “pataxó-hãhãhãe” irmão desse conjunto.

4.3. E o “pataxó de Wied”? Na árvore que propusemos, vemos que o “pataxó de Wied” e o “pataxó-hãhãhãe” são considerados irmãos, e o clade que eles formam é por sua vez irmão do clade “maxakali moderno/machacari antigo”. Infelizmente, para demonstrar isso, dispomos somente de uma pequena lista de 90 palavras recolhida por Wied-Neuwied em 1816. Ao que tudo indica, as duas variedades de pataxó foram sempre reunidas, simplesmente pelo fato que elas têm a mesma denominação (Loukotka 1963: 32, 1968: 69-70). No entanto, com tão pouco material, fica realmente difícil estabelecer uma conexão segura entre essas duas variedades, e a denominação comum de “pataxó” não deve servir de álibi para colocar as duas variedades no mesmo subgrupo. Campos (2011: 2) também assume que o “pataxó de Wied” e o “pataxó-hãhãhãe” são dialetos de uma mesma língua, mas não comenta o porquê dessa posição. Na realidade, a pequena lista de Wied-Neuwied somente mostra que o “pataxó de Wied” é provavelmente membro da família maxakali.

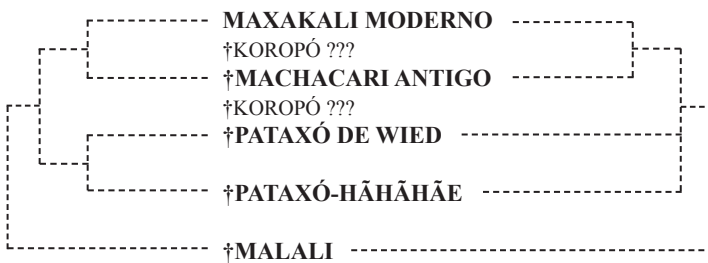
Além disso, ele não partilha as inovações fonéticas típicas do “pataxó-hãhãhãe” que acabamos de descrever. Pelo contrário, ele parece compartilhar todas as características fonéticas do maxakali moderno.

No entanto, existem várias isoglossas lexicais que aproximam o “pataxó de Wied” do “pataxó-hãhãhãe”, como pode ser visto na lista de cognatos abaixo cujas correspondências fônicas são as mesmas que utilizamos antes quando comparamos o maxakali e o pataxó-hãhãhãe:

PATAXÓ de WIED	PATAXÓ-HÃHÃHÃE	PATAXÓ de WIED	PATAXÓ-HÃHÃHÃE
ngua	gua / <i>?wa olho</i> (4)	poitaŋ	bokāi arco (124)
ektan	ēŋka pai (41)	amanaj	āmãgāj faca (128)
patafi	bkahāi pessoa (43)	kaxa	?axa machado (129)
tfapa	tapa paca (101)		

Essas isoglossas parecem sugerir que nossa árvore linguística esteja certa. Outra possibilidade seria desconsiderar a dicotomia entre o clade dos “pataxó” e o clade dos “maxakali”, e preferir uma tricotomia que considera irmãos o “pataxó de Wied”, o “pataxó-hãhãhãe” e o “maxakali moderno/machacari antigo”. E, justamente, certas isoglossas compartilhadas pelo maxakali e pelo pataxó de Wied (mas não pelo pataxó-hãhãhãe), ou pelo maxakali e pelo pataxó-hãhãhãe (mas não pelo pataxó de Wied) parecem sugerir essa tricotomia (cf. anexo II). Adotando essa opção, Campos (2011: 4) sugere a possibilidade do maxakali e dos pataxós terem sido apenas dialetos próximos de uma mesma língua, inteligíveis entre si.

O diagrama abaixo reúne as duas possíveis combinações dos seis clades maxakali que sintetizam nosso raciocínio e nossa posição. Enquanto a árvore esquerda é inteiramente dicotômica, a árvore direita argumenta a favor de uma igual semelhança linguística, talvez no nível dialetal, entre o pataxó de Wied, o pataxó-hãhãhãe e o maxakali:



4.4. E o malali? Observando a árvore que propomos acima, vemos que o clade “maxakali moderno/machacari antigo” e o clade dos “pataxós” são irmãos, e que o malali é irmão desse conjunto linguístico. Dessa forma, pensamos que o malali pertence à família maxakali e que, dentro dessa família, é a língua mais afastada das outras. Nos vocabulários disponíveis (120-130 palavras), encontramos 50% de vocabulário básico entre o malali e as outras línguas da família maxakali. O que parece diferenciar o malali das outras línguas maxakali é basicamente a presença de empréstimos. Algumas palavras parecem adotadas do krenak

(como **pao** “terra” e talvez **pose** “um”, que podem ser comparadas - respectivamente - com o krenak **pao** e **potjik**). Entretanto, a maioria dos seus empréstimos provém da família kamakã como comprovam os dados abaixo:

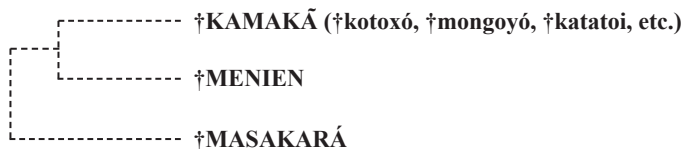
	Malali	Kamakã		Malali	Kamakã
Testa	(h)ake	ake	Lua	ajé	hadze, jé (Menien)
Olho	keto	keto	Chuva	jaab	sân
Boca	a-jatako	in-jatako (Menien)	Mutum	jahais	jaheïä (Menien)
Dente	a-jo	jo (Menien)			

A presença dessas palavras em malali explica-se pela presença de grupos kamakã que viviam provavelmente, durante o século XVIII, no alto Jequitinhonha e tinham como vizinhos os malali. Esses kamakã moravam rio acima até que os bandeirantes paulistas, chegando a Minas Novas, expulsaram ou mataram esse povo. Os que sobreviveram escaparam e foram estabelecer-se, talvez em 1750, na foz do Jequitinhonha onde ficaram conhecidos pelo nome de *menien* (Wied-Neuwied 1989: 235).

5. A família maxakali: Classificação externa

Concluída a delimitação da família maxakali, com o koropó e o malali inclusos, procuraremos agora verificar se o maxakali tem semelhanças com outras línguas da região. De início, podemos dizer que, entre as analogias mais evidentes, importantes e numerosas que encontramos, a família kamakã é certamente a mais próxima da família maxakali.

Os kamakã propriamente ditos viviam entre o rio Jequitinhonha e o rio de Contas, enquanto que os masakará moravam no norte da Bahia, entre as atuais cidades de Massacará e de Juazeiro. A última falante dessa família linguística morreu nos meados do século XX. Uma classificação da família kamakã poderia ter a seguinte configuração:



Os dados sobre esta família são escassos e, por consequência, medir a “distância linguística” entre o kamakã e o masakará é extremamente difícil. Parece-nos que o grupo kamakã conhecido como “menien”, já apresentado na seção anterior, ocupava uma posição linguística intermediária entre o kamakã e o masakará. Observemos que ao **(t)ʃ** kamakã corresponde geralmente **j** em menien.

No seu artigo sobre a família kamakã, Loukotka (1932) muito provavelmente confunde nomes de grupos indígenas com línguas por eles faladas. Com isso, atribuiu nomes diferentes para uma mesma língua descrita por viajantes diferentes. Assim é muito provável que o que os viajantes chamaram de “kamakã”, “kotoxó”, “mongoyó”, “monxokó”, “katatoi”, etc. fazia referência à mesma língua.

Como já notamos, temos poucos dados sobre a família kamakã, ou seja, algumas listas curtas do século XIX e, do século XX, os vocabulários de Guérios e de Nimuendajú. Infelizmente, não encontramos a lista vocabular de 225-250 itens que Nimuendajú elaborou em 1938 com a última falante da língua kamakã (Nimuendajú; Guérios 1948: 214-215; Meader 1978: 72). Lamentamos também que, no vocabulário elaborado por Guérios (1944) com o filho da última falante kamakã, há sobreposição de línguas diferentes: o informante, que não se lembrava bem da sua língua materna, acabou misturando repetidamente o kamakã com o pataxó-hãhãhãe (família maxakali). São exemplos disso: **kohái** “cabeça” [em pataxó-hãhãhãe: **makohajj**], **hamiko** “terra” [em pataxó-hãhãhãe: **ham**], **mãnkoi** “caminho” [em pataxó-hãhãhãe: **mba?oi**], etc.

Com dados tão reduzidos, elaboramos uma lista de 94 palavras kamakã disponíveis no anexo III, com base nas seguintes fontes:

(Ka) †Kamakã (Martius 1863: 153-154; Loukotka 1932; Guérios 1944)	[1819-1944]
(Ko) †Kotoxó (Martius 1863: 156-158)	[1819]
(Mo) †Mongoyó (Wied-Neuwied 1989: 514-516)	[1816]
(Me) †Menien (Wied-Neuwied 1989: 513-514)	[1816]
(Ma) †Masakará (Martius 1863: 144-145)	[1819]

Como já dissemos, as semelhanças entre a família maxakali e a família kamakã são muitas (30% do vocabulário básico), e seriam provavelmente bem mais numerosas se tivéssemos um material linguístico kamakã mais abundante. As semelhanças aparecem principalmente em nomes que indicam as partes do corpo e em alguns outros substantivos. Como o material disponível fornece pouquíssimos verbos e adjetivos, não foi possível encontrar muitas analogias em relação a essas duas classes de palavras. O quadro abaixo mostra as principais semelhanças que encontramos entre o maxakali e o kamakã. Na coluna de direita, as palavras em maxakali moderno não estão seguidas de abreviatura:

	KAMAKÃ (K) †Kamakã, (Me) †Menien, (Ma) †Masakará	MAXAKALI (M) †Machacari, (K) †Kapoxó, (Mo) †Monoxó, (Mak) †Makoni, (Mal) †Malali, (P) †Pataxó de Wied, (H) †Pataxó-Hãhãhãe
1. cabeça	ero (K, Me), aro (Ma)	pito-tf
2. rosto	kü / ke (K, Me, Ma)	ki-tf / ke-tf
3. pelo	ke (K, Me), xö (Ma)	tfe
4. orelha	(n-)ixko (K, Me), x-üxko (Ma)	(n-)ĩpko-tf
5. nariz	(ni-)tjĩ-ko (K, Me), tjix-ko (Ma)	tjĩ-pip, (ni-)tsi-ko-tf (M, K, Mo, Mak)
6. boca	-ärä-ko (K), -ata-ko (Me), -ata (Ma)	-ata-ko-tf (Mal), -aka-?o-tf (H)
7. dente	tfo (K), jo (Me), thüoh (Ma)	tfo-tf, jo (Mal)
8. pé	watə / wate (K, Me, Ma)	pata

9. perna	(kai)tfe (K, Me)	(kai)zhe / (kai)pe (M, K, Mo, Mak, Mal)
10. mão	n-ĩ-ker (K, Me), k-üm (Ma)	n-ĩm-(kitok)
11. braço, asa, ramo	(ni)-wan (K), -wāg (Ma)	(nĩm)-māg
12. fezes	jũ-ko (K), jun-du (Me), tʃiũ-grũŋ (Ma)	jõn
13. pescoço	thũŋ-ko (Ma)	tʃit-ko-tʃ
14. seio	pu-kara / po-ferē / jum-biftũh (K, Me, Ma), pu (K, Me) <i>leite</i>	jõŋ-tat
15. pele	ka (K)	tʃa-tʃ
16. pai	keanda (K)	ātak
17. mãe	titsin (K)	tít
18. peixe	wā (K, Me)	mām
19. árvore	wĩ (K, Me)	mĩm
20. sol	pijõŋ / pinna (K, Me, Ma) <i>estrela</i>	mājõn
21. lua	(h)atʃe / adʒe (K), je (Me)	hatʃ / hetʃ, ajé (Mal), atʃi <i>estrela</i>
22. fogo, lenha	tʃa-ke / hieg-ke (K), gu-xah (Ma)	kíp, ki-tʃap, tʃab
23. noite	amani, amb (Ma)	āmniŋ
24. grande	hie (K), je (Me), tse (Ma)	tʃetʃ.ka, fej (K), psie (Mak), fem (Mal)
25. dormir	hondon / montõŋ (K, Me)	mõnõn / mõhõn / mõjõn
26. ir	māg (K, Me)	mõg
27. vir	ni (K, Me)	nĩn
28. dizer	tʃaktʃ / tʃakre (K)	tʃik-títʃ
29. cair	ranka (K)	nā
30. eu	in- (K, Ma)	ĩg
31. tu	an- (K)	ā
32. não	ho (K)	hok
33. um	weto (K, Me)	pitʃet
34. buraco	ko (K, Ma)	ko-tʃ
35. onça	tʃake (K, Me, Ma)	tʃok-tʃamap, tʃok-ānet [tʃok <i>animal</i>]
36. macaco	koŋʃi (K)	koktitʃ
37. jacu	ʃahejə (K)	tʃahais (Mal)
38. jacaré	wē (K, Me)	māj
39. mandioca	kahatʃ (K), kaju (Me), kaxü (Ma)	kohot, ?ohõj (H)
40. flecha	waj (K, Me)	potʃ
41. pote	na (K)	na-tʃ

Observações

- 1) Em (1), o kamakã deveria ser **weto** ou **wero**, e não **ero**, para corresponder ao maxakali **pitotf**, conforme as correspondências de sons que vamos comentar.
- 2) Em (3), a correspondência **k / tf** é duvidosa.
- 3) Em (6), precisamos não esquecer das regras de correspondência do maxakali ao pataxó-hãhãhãe: **t > k e k > ʔ**.
- 4) Em (15), a correspondência **k / tf** é duvidosa.
- 5) Em (23), a palavra kamakã pode ser um empréstimo maxakali.

Semelhanças como as que ocorrem em 2, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 38, 40, não podem ser fruto do acaso, mas atestam, muito provavelmente, uma afiliação “genética” estreita entre o maxakali e o kamakã ou, alternativamente, poderiam mostrar uma longa história de contatos interétnicos sem que haja necessariamente uma relação de parentesco, já que os povos maxakali e kamakã ocupavam espaços contíguos (cf. mapa). Diante dessas duas opções, precisamos definir qual delas escolheremos, ou seja, houve uma afiliação genética ou uma adoção lexical maciça devido a contatos interétnicos intensos?

De um lado, encontramos facilmente algumas correspondências fônicas bastante regulares entre a família maxakali e a família kamakã. Assim, um **pV** no makakali corresponde geralmente a um **wV** no kamakã, e um **mṼ** no makakali corresponde geralmente a um **wṼ** no kamakã. Por exemplo:

MAXAKALI	KAMAKÃ
pata	watə pé (8)
mãg	wãg braço (11)
mãm	wã peixe (18)
mĩm	wĩ árvore (19)
pitʃe-t	weto um (33)
māj	wẽ jacaré (38)
po-tʃ	waj flecha 40)

No entanto, as regras de correspondências fônicas são uma condição necessária, mas **nunca suficiente**, para demonstrar o parentesco entre duas línguas. Assim, essas correspondências poderiam ser consequências de mudanças fônicas ocorridas depois dos termos terem sido adotados.

Por outro lado, sabemos que, em situação de contato relativamente casual entre línguas, os termos adotados são geralmente do vocabulário não-básico; a adoção de termos do vocabulário básico ocorre somente quando os contatos aumentam. No caso das semelhanças aqui encontradas, mais de 30 palavras kamakã mostram conexões com o maxakali, e mais da metade dessas palavras são muito próximas e pertencem ao vocabulário básico. E, curiosamente, quase nenhum termo não-básico encontrado nas listas do século XIX mostra alguma semelhança entre o kamakã e o maxakali. Isso parece mostrar que as semelhanças não são resultado de um contato intenso porque, nesse caso, seria também adotada, como empréstimos, uma grande proporção do léxico animal e vegetal, assim

como os termos que designam os objetos de manutenção (“faca”, “rede”, “machado”, etc.) e outros termos culturais. Portanto, a inclusão do kamakā na família maxakali parece-nos fortemente recomendada.

No entanto, há sempre uma possibilidade que não podemos descartar em razão da qualidade dos dados linguísticos. Assim, por exemplo, até que ponto as listas de vocábulos disponíveis e que mostram fortes semelhanças entre o kamakā e o maxakali estão livres de dados mesclados entre elas? Já constatamos como o vocabulário de Guérios, elaborado em 1944, confunde às vezes o kamakā com o pataxó-hãhãhãe (maxakali). E que segurança podemos ter em relação às listas do início do século XIX?

Assim sendo, antes de concluir sobre essa provável afiliação kamakā-maxakali, achamos prudente continuar nosso estudo e examinar as afinidades do maxakali com outras famílias linguísticas, sobretudo com línguas vizinhas.

5.1. Há também muitas semelhanças importantes entre a família maxakali e o krenak (17% do vocabulário básico, e talvez até mais se houvesse um material krenak de melhor qualidade), mas sem regras de correspondências fônicas bem definidas:

	Krenak	Maxakali
Rosto	kan	katʃ
Nariz	dʒin	tʃi-pip, tʃi-hĩ
Dente	dʒ-un	tʃ-otʃ
Braço, asa	mak	mãg
Sangue	kamtʃek	kam
Carne	tʃ-ĩn	j-ĩn
Pele	kat	tʃatʃ
Pai	dʒ-ikan	ãtak, êŋka
Noite	ampim	ãmnij
Beber	ʒop	tʃop
Dar	hup	hõm

	Krenak	Maxakali
Assar	(ha)op	hap
Cair	rak	nã
De pé	muzim, muhim	hip, muʃi
Um	potʃik	pitʃet, batʃe
Eu	hi-	ĩg
Tu	a- / ã-	ã
Onça	kuparag	kuman-nãg [Mak, empréstimo?]
Cipó	kuzun	tohotʃ, kuhuj [H]
Arco	nem	nãp-tit
Corde	dʒita(k)	tʃit

Há igualmente um certo número de semelhanças importantes entre a família kamakā e o krenak (e talvez até mais se houvesse um material de melhor qualidade), mas sem regras de correspondências fônicas:

	Kamakā	Krenak
Pelo	ke / kə	ke
Olho	kedo	ketom
Dente	dʒ-u	dʒ-un
Pele	[an]ka	kat
Noite	amani, ambi	ampim

	Kamakā	Krenak
Vir	ni	ni
Cair	raxka	rak
Eu	ĩ-	ĩ-
Tu	ʃə-	ãtʃuk / ho
Um	weto	potʃik

Alto	iro-oro	oron
Comer	jukua	kut
Ir	mã	mũ

Cantar	gre [Ma]	grī(n)
Irmão	kejak	kiijak

5.2. Há também semelhanças entre as famílias maxakali e pano (13% do vocabulário básico) e entre as famílias jê e pano (14% do vocabulário básico). Essas semelhanças precisariam ser aprofundadas. Por exemplo:

	Pano	Maxakali
Cabeça	*βi-, βi-tonko	pito-tf
Cabelo	*-ni	nit
Boca	*(h)ana	ata-ko-tf
Mão	*mi-	-im
Braço	*ba-	mãŋ
Seio	*šo	tfok

	Pano	Maxakali
Sangue	*himi	hep
Homem	*bini	pit
Fumaça	*koin	gōj
Noite	*jami	ãmnĩj
Eu	*i-	ĩg
Um	*wisti	pitjet

5.3. Há semelhanças importantes entre a família maxakali e a família jê (25% do vocabulário básico, e até 31% com o subgrupo timbira-kayapó):

	MAXAKALI (M) †Machacari, (K) †Kapoxó, (Mo) †Monoxó, (Mak) †Makoni, (Mal) †Malali, (P) †Pataxó de Wied, (H) †Pataxó-Hähähãe	JÊ (Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng
1. pelo	tfɛ	kĩ (Jê), -ki / gã(i)ŋ (Ka)
2. boca	-ata-ko-tf (Mal), -aka-ʔo-tf (H)	-ad(a)-kwa (Ak/Jê), j-ãt-kĩ (Ka)
3. língua	ŋ-oetfõ	-õ(i)tɔ (Ak/Jê), n-ũnê (Ka)
4. pé	pata	par(a) (Ak/Jê), pãn (Ka)
5. mão	n-ĩm-(kitok)	-ĩpkra (Ak/Jê), n-ĩgã (Ka)
6. braço, asa	(ŋĩm)-mãg	pa(inõ) (Ak/Jê), pẽ (Ka)
7. fezes	jõn	du (Ak/Jê) <i>barriga</i> , jã(g)fa (Ka), nug (Ka) <i>barriga</i>
8. seio	jõŋ-tat	-õkut (Ak/Jê), n-ũgje (Ka)
9. carne	j-ĩn	n-ĩ (Ak/Jê/Ka)
10. flor	-nit	-rĩ (Jê)
11. gordura	top	twəm (Ak/Jê), tãg (Ka)
12. mãe	tít	nã (Ak/Jê), n(-)ĩ (Ka)
13. piolho	kit	ku (Ak) / go (Jê), ga / gɔ (Ka)

14. árvore	mīm	pī (Jê), mī (Ak), pī (Ka) <i>lenha</i>
15. sol	mājōn	pīt / bədə (Ak/Jê), pīri (Ingain)
16. chuva	tetf	tā (Ak/Jê), ta (Ka)
17. fogo, lenha	kip , ki-tʃap , tʃab	kuzə (Ak), kwisi / kuhi (Jê), ka / kə (Ka) <i>árvore</i>
18. fumaça	gōj	-kum (Jê)
19. caminho	pitat	pri / bədə (Ak/Jê), apri (Ka)
20. novo	típ	tɛ(m) (Ak), tīw (Jê), tāg (Ka)
21. bom	matf	metf (Jê)
22. pesado	pitítf	pítī (Jê)
23. grande	tít	-tī / -ri (Jê)
24. ouvir	-pak	-pa (Jê)
25. dormir	mōnōn / mōhōn / mōjōn	-ōt(ō) (Ak/Jê), n-ūr (Ka)
26. ir	mōg	mō (Ak/Jê), mū (Ka)
27. vir	nīn	tē (Ak/Jê), tī (Ka) <i>ir (singular)</i>
28. chegar	mōtʃaha	botf (Jê)
29. voltar	pitpi	(aku)pin (Jê)
30. dar	hōm	sōm (Ak), -ō(r) (Jê), nēm (Ka)
31. atirar	mān	mē (Ak/Jê), pēg (Ka)
32. cantar	kítetf	(ō)kre (Ak/Jê), grɛn (Ka) <i>dançar</i>
33. eu	īg	i- / ī- (Ak/Jê), ip (Ka)
34. tu	ā	a- (Ak/Jê), ā (Ka)
35. um	pitfet	pítī (Ak/Jê), pīr (Ka)
36. outro	nōj	ʔō / ʔnō (Jê), ū(n) (Ka)
37. macaco	koktítf	kokoj (Ak/Jê), gəg (Ka)
38. cobra	kājā	kāŋā (Jê)
39. vespa	āmān	am-pi (Jê)
40. mandioca	kohot , ʔohōj (H)	kwər (Jê)

Essas óbvias semelhanças entre o jê e o maxakali, sobretudo entre o kaiapó e o maxakali, já há muito tempo foram notadas (Mason 1950: 295). Como não podem ser fruto do acaso, novamente, precisamos optar por uma afiliação genética ou por uma adoção lexical maciça proveniente de contatos interétnicos intensos. E como as numerosas semelhanças aqui listadas pertencem ao vocabulário básico, uma conexão genética entre o jê e o maxakali parece novamente fortemente recomendada.

Há, no entanto, algumas considerações importantes que gostaríamos de fazer a respeito das presumidas conexões kamakã-maxakali e jê-maxakali. Em primeiro lugar, diferente dos kamakã, os povos jê e maxakali não ocupavam espaços territoriais contíguos. Nessas condições, uma maciça adoção de elementos lexicais entre as línguas jê e maxakali poderia ser descartada, tornando a afiliação genética jê-maxakali ainda mais provável que a afiliação genética kamakã-maxakali.

Contudo, essa consideração não tem fundamento histórico. Se consultarmos novamente o mapa, veremos que há um grande vazio demográfico entre o território dos malali (família maxakali) e o dos xakriabá do rio São Francisco (família jê, cf. anexo I). Esse vazio demográfico é o resultado das numerosas “entradas e bandeiras” dos séculos XVII e XVIII. A partir de 1670-1674, muitos bandeirantes paulistas, juntos com foragidos da lei, escravos fugidos e elementos desgarrados de antigas bandeiras (Fernão Dias Paes Leme, Lourenço Castanho Taques, Domingos Jorge Velho, etc.) invadiram o espaço entre o rio das Velhas, o rio Verde Grande e as margens do São Francisco. Esses bandeirantes buscavam esmeraldas e se envolveram em combates extremamente violentos contra os índios naquela região. Não acharam as tão sonhadas pedras preciosas, mas o choque foi tão brutal que os *cataguá*, os *mapaxó* e todos os grupos daquele espaço foram dizimados. A partir de 1690, alguns paulistas, como Matias Cardoso, criaram raízes e tornaram-se criadores de gado no vale do São Francisco, entre São Romão e a foz do rio Verde, escravizando brutalmente os *xakriabá* e todos os índios que ainda não tinham fugido (Fagundes; Martins 2002: 65). Salvo alguns etnônimos, desconhecemos qualquer informação linguística a respeito dos indígenas que, antes dos genocídios dos séculos XVII e XVIII, viviam nesse imenso espaço tornado vazio, mas é bem provável que aí habitavam alguns povos jê, kamakã e maxakali que ocupavam espaços territoriais contíguos. Nesse sentido, não se deve, sob o pretexto de tornar a hipótese da afiliação genética mais provável, descartar contatos interétnicos intensos entre os membros dessas três famílias (jê, kamakã, maxakali). Como exemplo de contatos interétnicos, comparemos a famosa corrida de tora dos xerente com uma corrida bem semelhante que os kamakã praticavam (Wied-Neuwied 1989: 436).

5.4. Enfim, gostaríamos de salientar que, diferente das línguas jê e maxakali, que são melhor conhecidas, temos poucos dados linguísticos sobre as línguas kamakã. Ainda assim, mesmo com dados limitados, vimos que são muitas e óbvias as semelhanças entre o kamakã e o maxakali. E isso, para nós, é essencial. Mas também há importantes semelhanças entre as famílias jê e kamakã, como pode ser depreendido do quadro abaixo:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Kamakã		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Kamakã
Pelo	kĩ (Jê), -kĩ / gã(i)ŋ (Ka)	ke / kə	Noite	mãra (Ak)	wera
Boca	-ad(a) (Ak/Jê), j-ât (Ka)	j-ata (Me, Ma)	Bom	kĩŋ (Jê), tĩmi (Ka)	koiki

Pé	par(a) (Ak/Jê), pân (Ka)	wate	Beber	kon (Jê), gɔn (Ka)	kode
Perna	za (Ak), fa (Ka)	-tsa / -tse	Dormir	-õt(õ) (Ak/Jê), n-ür (Ka)	montonj / ondon
Mão	-ïpkra (Ak/Jê), n-ïgã (Ka)	n-i-kre	Morrer	dï (Jê), də (Ak), tï / ter (Ka)	diã / die
Peito, seio	-õkut (Ak/Jê), n-üŋje (Ka)	ɲ-ugara	Ir	mõ (Ak/Jê), mũ (Ka)	mã
Pele	ka (Ak/Jê)	naka	Vir	tê (Ak/Jê), tï (Ka)	ni
Ovo	gre (Ak/Jê), krê (Ka)	sa-kre	1sg	i(j)- / ĩ- (Ak/Jê), ïɲ (Ka)	in-
Árvore 1	ko (Ak/Jê), kɔ (Ka)	ku (Ma)	2sg	a(i)- (Ak/Jê), ã (Ka)	an-
Árvore 2	pī (Ak), mī (Jê), pī (Ka)	wī	Um	piti (Ak/Jê), pir (Ka)	weto
Pedra	kētē (Ak/Jê), kere (Ingain)	kere / kri <i>serra</i>	Cantar	(õ)kre (Ak/Jê), gren (Ka)	gre (Ma)

Ou entre a família jê e o krenak:

	(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira-Kayapó, (Ka) Kaingáng	Krenak		(Ak) Akuwê, (Jê) Timbira- Kayapó, (Ka) Kaingáng	Krenak
Cabeça	krã (Ak/Jê), krī / krê (Ka)	krê	Andar 2	tê (Ak/Jê), tï (Ka)	nī
Pelo	kī (Ak/Jê), -kī / gã(i)ɲ (Ka)	ke	Cair	rereke (Ak)	rak
Olho	tômõ (Ak), -ta (Ka)	-tom	Um	piti (Ak/Jê), pir (Ka)	potʃik
Nariz	n-ïja (Ak/Jê), n-ïjê (Ka)	dʒ-in	Cantar	kre	grī
Unha	-krɔpɔ (Ak/Jê), -gru (Ka)	kram	Guariba	kopit (Ak/Jê)	kupiri
Pé	par(a) (Ak/Jê), pân (Ka)	pɔ	Arara	krada (Ak), klan (Ingain)	kataran
Braço	pa (Ak/Jê), pê (Ka)	pɔ	Mel	mêg (Ak/Jê), mīg (Ka)	pãɲ
Carne	n-ī (Ak/Jê), n-ī (Ka)	ʃ-in	Mosca	kop (Ak/Jê), ka (Ka)	kap

Pele	kə (Ak/Jê)	kat	Mandioca	kupa (Ak), kumin / kuma (Ka)	kupə
Fumaça	kak(rã) (Jê), gəg (Ka)	kəkə	Banana	hespə-krã (Xerente)	ʒipokan
Comer	ku (Jê), ko (Ka)	kut	Machado	krã	krak
Andar 1	mō (Ak/Jê), mū (Ka)	mū			

Contudo, seja qual for a gênese dessas semelhanças, interpretadas ou como “prova” de afiliação genética ou como “marca” de empréstimos linguísticos maciços, uma coisa nos parece segura: dentre as quatro famílias comparadas (jê, maxakali, krenak e kamakã), as semelhanças entre as línguas kamakã e maxakali são as mais evidentes. Várias possibilidades surgem para o pesquisador: escolher um parentesco entre o jê, o kamakã e o maxakali, mas sugerindo, para o krenak, que as semelhanças são o fruto de contatos linguísticos intensos; ou buscar combinações mais complexas entre essas quatro famílias. Na verdade, não sabemos ao certo como esses quatro grupos se combinam, e os autores deste artigo não chegaram a um consenso. Apesar disso, pensamos que o kamakã e o maxakali são os membros mais íntimos desse conjunto.

É tempo de concluir. Neste breve estudo de línguas, algumas ainda faladas em Minas Gerais, demos um estatuto de família independente (língua isolada) ao puri-coroado, e vimos muitas semelhanças lexicais entre quatro famílias: o maxakali (no qual incluímos o koropó e o malali), o kamakã, o jê e o krenak. Essas semelhanças, que são ainda mais abundantes entre o maxakali e o kamakã, podem ser vistas ou como vestígios de uma mesma origem ou como marcas de contatos intensos.

Para terminar, gostaríamos de fazer um comentário crítico acerca de vários textos que lemos sobre o “provável local de origem do macro-jê”. Para muitos filólogos e linguistas, a área de maior diversidade linguística de uma família deve ser o local onde essa família se originou. Todavia, esse ponto de vista deve levar em conta as línguas extintas.

Explicando melhor: buscamos um exemplo na taxonomia zoológica a respeito da família dos girafídeos. Essa família é composta da girafa, que vive em campos abertos na África, e do ocapi, que se encontra em zonas florestais no mesmo continente. Podemos concluir que a origem dos girafídeos se encontra na África subsaariana? Certamente que não, uma vez que os fósseis mais remotos dessa família encontram-se na Ásia e são datados de mais de 25 milhões de anos. De lá, os girafídeos expandiram-se até a África onde as únicas espécies desta família ainda existem; as espécies eurasiáticas desapareceram no decorrer do tempo.

O que vale para as girafas vale também para as línguas: elas morrem sem deixar ossos fossilizados, mas “vazios” nos mapas. Como vimos, constatamos um grande espaço vazio no mapa linguístico de Minas Gerais e tentamos explicá-lo. Esses vazios são muito frequentes no mapa do Brasil. Após a expulsão dos holandeses, os bandeirantes paulistas e os sertanistas baianos internaram-se no sertão, atrás de pedras preciosas ou de outras riquezas. Esses homens competiram violentamente entre si, mas acabaram misturando-se e tornando-se criadores de gado: foram os famosos “vaqueiros do São Francisco”. Esses aventureiros percorreram um espaço enorme, do rio das Velhas até o Piauí, do interior baiano até o Ceará, afugentando e perseguindo continuamente

os kariri, os pimenteira, os gurgueia, os xukuru e outras dezenas de etnias indígenas que foram exterminadas sem que delas fossem registradas quaisquer linhas sobre suas línguas. É por essas razões que o mapa etnolinguístico dessas regiões contém vazios demográficos.

Voltando ao provável local de origem do macro-jê, certos autores pretendem encontrá-lo no Leste brasileiro, nos bandos de Minas Gerais, porque é lá que se observa a maior diversidade de línguas macro-jê, já que o puri-coroado, o maxakali, o kamakã e o krenak seriam remotamente relacionados (Urban 1998: 91). No entanto, parece que essa “hipótese oriental” não agrada a todos os pesquisadores (Ribeiro 2007)¹⁰, assim como aos autores deste artigo. Na realidade, nenhuma das hipóteses apresentadas é aceitável. Com a história de violências que o Leste brasileiro experimentou do século XVII até 1750, que geraram tantos espaços vazios no mapa étnico dessa região, vaticinar acerca da origem dos Macro-Jê é sempre um empreendimento perigoso. Reiteramos, o estudo que estamos concluindo não parece confirmar a hipótese oriental. Tentamos mostrar que o puri-coroado não parece relacionado com o macro-jê, e vimos também que o maxakali, o kamakã e o krenak não parecem “remotamente relacionados”, qualquer sentido seja dado a esse relacionamento.

Mais que encontrar a origem do macro-jê, o que esperamos mesmo é que surjam manuscritos esquecidos em museus ou nas mãos de algum colecionador anônimo que possam servir de base para esclarecer ou rever o pouco que sabemos a respeito das línguas do Leste brasileiro.

ANEXO I

LÍNGUAS DO LESTE BRASILEIRO

A seguir, apresentamos as famílias linguísticas encontradas no Leste brasileiro, com seus subgrupos e suas línguas, vivas ou extintas¹¹. Nesta breve exposição, deixamos de lado os grupos tupi-guarani que viviam ao longo do litoral brasileiro na chegada dos europeus por pertencerem a uma família de provável origem amazônica.

Jê [3-4 línguas]

A classificação da família jê aqui proposta por nós baseia-se nos trabalhos atualmente disponíveis. Algumas isoglosses lexicais sugerem que o *ingain* poderia ser uma língua de transição entre o jê meridional e o jê setentrional. Note que os *xakriabá* viviam no rio São Francisco, em Minas Gerais, bem antes de 1712 (Saint-Hilaire 2000: 340-341). Foram destruídos por Matias Cardoso e outros paulistas a partir de 1690. O vocabulário que Saint-Hilaire (1975: 145) coletou com os *xakriabá* do Triângulo Mineiro em 1819 mostra que eles falavam um dialeto xerente. Desde o fim do século XIX, o *jaikó* ou *geicó* foi apresentado como pertencendo “possivelmente” à família jê (Mason 1950: 289). Desde então, de candidato o *jaikó* passou a membro permanente dentro desta família sem que nenhuma explicação seja fornecida. Na realidade, só temos um vocabulário *jaikó* de 67 palavras (Martius 1863: 143), que parece ser uma mistura de todas as línguas do Piauí. Apenas meia dúzia das palavras

¹⁰ Não conseguimos encontrar esse artigo e, portanto, não sabemos quais os argumentos que ele utilizou para refutar a hipótese oriental do macro-jê.

¹¹ Enquanto uma cruz (†) indica uma língua extinta, uma cruz pequena (†) significa que algumas pessoas idosas ainda se lembram de algumas palavras.

parecem-se nitidamente com alguma língua jê (“cabeça”, “língua”, “mãe”, “floresta”, “lenha”, “pescoço”). Outras (“cabelo”, “dente”, “pé”, “braço”, “matar”, “lua”) podem ser karib, tupi, maxakali ou masakará. As palavras *tilofjung* “assar”, *koko* “noite”, *erej* “pênis” são respectivamente quase idênticas às palavras pimenteira (karib) *taratfuih*, *gongoj*, *arij*. As palavras *u-fiegrkó* “ouvir”, *nambliú* “lavar”, *eru* “cuia” são respectivamente quase idênticas às palavras masakará *chighkó*, *achar-namú*, *erö*. Vendo isso, achamos mais prudente deixar o jeikó, pelo menos provisoriamente, em uma família independente.

I) JÊ SETENTRIONAL (2 línguas)

A) JÊ PRÓPRIO (Timbira-Kayapó)

Contínuo dialetal: Canela-Krahô ↔ Gavião-Krikati ↔ Apinajé ↔ Kayapó ↔ Suyá-Tapayuna
↔ Panará-†Kayapó do Sul.

B) AKUWÊ

Vários microdialetos: Xavante, Xerente (incluindo: †Xakriabá, †Akroá, †Gueguê).

II) JÊ MERIDIONAL (1-2 línguas)

Contínuo dialetal: †Ingain ↔ Xokleng ↔ Kaigáng.

†Puri-Coroado [1 língua]

Maxakali [1 língua viva]

Por falta de vocabulários extensos, a posição do malali dentro da família não está muito bem documentada. A família maxakali é provavelmente aparentada com a família kamakã.

I) MAXAKALI-PATAXÓ

Lingua Incertae Sedis: †Koropó.

A) MAXAKALI PRÓPRIO

1) Maxakali

2) †Machacari Antigo (incluindo: †Monoxó, †Makoni, †Kapoxó, †Kumanaxó, †Panhame, etc.)

B) †PATAXÓ de WIED

C) †PATAXÓ-HÁHÁHÁE

II) †MALALI

†Kamakã [2-3 línguas]

I) †KAMAKÁ PRÓPRIO

A) †KAMAKÁ (incluindo: †Kotoxó, †Mongoyó, †Monxokó, †Katatoi, etc.)

B) †MENIEN

II) †MASAKARÁ

Krenak (Borun, Botocudo, †Gueren) [1 língua]

Yatê [1 língua]

†Kariri [1 língua]

Após a expulsão dos holandeses, nos meados do século XVII, portugueses e paulistas entraram agressivamente no sertão nordestino, obrigando os kariri a migrações, fugas e assentamentos forçados. Isso explica a dispersão dos vários grupos kariri: *†kipeá* na Paraíba e no Ceará, *†sabuyá* no noroeste da Bahia, *†dzubukuá* nas ilhas do São Francisco, *†kamuru*, etc. Parece ter havido poucas diferenças dialetais entre todos esses grupos. O *kariri de Mirandela* parece também pertencer à família kariri, mas com um possível substrato ou superestrato (“katembri” ou “kaimbé”) (Métraux 1951: 56-58; Meader 1978: 38-40). Um estudo comparativo entre o kariri e a família karib mereceria a maior atenção. Comparemos (karib / kariri): **pana / beje orelha, nu / nunu língua, amoi / ebaja unha, pu / wo pé (perna), po / bo braço, epiri / puru flor, ari / erã folha, eset / dze nome, ene / ne ver, wenu / unu dormir, wene / une sonho, ri / di dar, mai / me falar, pu / pu assar, i- / hi- 1sg, a- / a- 2sg, ku- / ku- 1pl, ti / di reflexivo, eki / êki animal de criação, etc.**

Linguae Incertae Sedis: †**Jaikó** (Piauí, uma língua da família jê?), †**Baenā** (na divisa da Bahia com Minas Gerais), †**Xokó (Xukuru-Kariri)** (foz do rio São Francisco e norte de Alagoas), †**Tuxá (Rodela)** (rio São Francisco, perto de Rodelas), †**Xukuru** (na divisa Pernambuco-Paraíba), †**Pankararu (Pankaru)** (na divisa Pernambuco-Bahia-Sergipe), †**Kambiwá** (Pernambuco, uma língua da família pankararu?).

ANEXO II

LISTA DE PALAVRAS MAXAKALI

	MAXAKALI MODERNO (C) : língua dos cantos	†PATAXÓ de WIED	†PATAXÓ-HĀHĀHĀE	†MALALI	MACHACARI ANTIGO †Machacari (M), †Kapoxó/ †Kunamaxó/ †Panhame (K), †Monoxó (Mo), †Makoni (Mak)
1. cabeça / head	pitoj / ptowe	patoj	bakoj	(akö, kai)	mtoj-om (M), patanj-on (K), toj (Mo), potoj (Mak)
2. cabelo ¹ / hair ¹	tʃɛ	---	tʃɛ	sekö	---
3. cabelo ² / hair ²	dít	tan	---	aö	den (M), dan (K), daen / dürn (Mak)
4. olho (face) / eye (face)	kaj / kij	---	---	kaj	kaj (M/K/ Mak)
5. olho / eye	(pa)	gua	gua / ?wa	(keto)	gué (M), gua (Mo)
6. orelha / ear	j-ĩpkoj	tʃok^aptʃoj	ɛmp?oi	j-epko	n-ĩpkoj (K), n-ĩpkoj (Mak)
7. nariz / nose	tʃĩpip	sikap	tʃihĩ	sejé / sezi	ni-tsi-koe (M), ni-tʃi-koj (K/Mo), -fĩ-koj (Mak)
8. boca / mouth	jĩjkoj	---	t-akaoj / angtaj	jatako	nikoj / nikoj (M/K/Mo/ Mak)
9. dente / tooth	tʃoj	---	thoj	jô / zo	tʃoi (M/K/Mo/ Mak)

LIAMES 15(2)

10. língua / tongue	jĩntfõg / joetfõ	---	tjuhũ	noepo	tʃapetan (K/Mo/Mak)
11. unha / nail	mãtfaj	menan	tʃaiŋ	miatfja	mãtfaj (Mo)
12. pé / foot	pata	pata	paka	pata	pata (M/K/ Mo/Mak)
13. perna ¹ / leg ¹	(pata-ptoj)	tʃakepketon	tʃekõ	kemno	tʃek-noi / kene (M), ʃeinon / kane (K), kane (Mak)
14. perna ² / leg ²	(patfikatfík)	---	ŋgiho	piota / pe	pe / piota (Mo), niotah (Mak)
15. joelho / knee	kopatfij	---	ʔamaɣi	---	kupatfjé (M)
16. mão / hand	jĩm	nüp / ɲip	mpahabm	njim	nim / ɲim (M/K/Mo/Mak)
17. braço / arm	(jĩm-kotfík)	(ɲip-katon)	---	ɲim-noi	ɲim-noi (M/K/Mo)
18. asa / wing	mãŋ	---	---	(põe)	mãŋ (Mak)
19. barriga ¹ / belly ¹	jõn	---	(bũ)	i-gno	ɲon (M/K/Mak)
20. barriga ² / belly ²	tɛj	tɛ	a-kɛ	---	---
21. pescoço / neck	mãj-kotfj, tʃit-kotfj	maj	tʃipai	(a-jemio, a-on)	k(a)takaj (Mo/Mak)
22. peito / chest	kɛp	kɛp	(tʃohob)	(a-joʃe)	kematan (M/K/Mak)
23. seio / breast	tʃok-tat / jõŋ-tat	---	ngókaj	(pojó)	tsik-tan (M), ʃe-tá (K), ʃie-tah (Mak)
24. coração / heart	kitʃa	---	ʔɛtʃɔ	kefo	keɲa (M/K), kija (Mak)
25. fígado / liver	tʃipkĩnãj	kiop-kanaj	tʃʰamãŋgãⁱ	---	---
26. osso / bone	kip	---	ʔip-tʃuj	kem	kaɛp-tʃioj (Mak)
27. sangue / blood	hɛp	ghɛm	hɛb	kemje	kɛŋ (M), kan (K), kũm / kõ (Mak)

28. carne / meat	jīn / tʃognak	u-niin	tʃuiŋ / xim	junié	tiungin / fonjinan (M/K/Mak)
29. pele / skin	tʃaj	---	tʃok-tʃadj	tʃaj	faj (K), to-tʃaj (Mak)
30. urina / urine	tʃij	---	tʃujtʃuj	---	ʃiuh (Mak)
31. folha / leaf	tʃij	---	---	---	ʃuill (Mak)
32. raiz / root	jīptʃatit	---	---	mimtiee	nimtʃatill (Mak)
33. semente / seed	tʃahap	---	kahab	---	---
34. fruta / fruit	ta	---	kʌ	---	ta (Mak)
35. ovo / egg	tʃik	tieng	itʃɫ	kier	tim (M), tin (Mak)
36. cauda / tail	kaj	---	ŋgɫ	---	---
37. gordura / grease	top	tomaisom	---	---	touum (Mak)
38. chifre / horn	---	---	pub	(manaitke)	kūm (Mak)
39. homem / man	pit	---	(kaniako)	(niopoa, atenpiep)	pin (M/K/Mo/ Mak)
40. mulher / woman	tʃetit	na(k)tim	tʃekūi	(ajente, nioptanpiteknan)	ti(n) (M/K/Mo/ Mak)
41. pai / father	ātak	ektan	ēŋka	(tanatāmon, manaiamka)	tatan (Mo), tatang (Mak)
42. mãe / mother	tīt	a-tōn	ēŋkai	a-te	---
43. pessoa / people	(tik)	pataʃi	a-bkahâi	---	---
44. filho / son	kitok	keto	akô	akó	attoh (K), kuto (Mak)
45. irmão / brother	iŋ-nōj, tak-nōj	eketan-noj	āhūj	hagno	idnooj (M/(K), tʃinaŋ (Mak)

LIAMES 15(2)

46. irmã / sister	hɛj	e-hɛ	---	---	---
47. peixe / fish	ma(h)am	maham	maham	maap	maam (M/Mak)
48. pássaro / bird	pítijnãj	pete	pekajnão	poignan	petoignang (Mak)
49. árvore / tree	mīp + abaʔaj	mip	mī	me	abaaj / abooj (M/K/Mak)
50. sol /sun	mājõn	majon	maŋgu	(hapem)	apokaj (M/K/Mak)
51. céu / sky	pejkoj	---	bekoj	(jamepãoime)	pekoj (K), betkoj (Mak)
52. lua / moon	mājõn-hɛj	---	maŋu-tia	ajé	pua(n) (M/K/Mak)
53. estrela / star	mājõn-nãj + ahtjĩ (C)	---	maŋgu-hã	---	aji (M/K/Mak)
54. água ¹ / water ¹	kõnãʔãj	tieng	ngãhã, pahasi, nakupa	kefe / jefe	konaʔang (M/K/Mak), tiene (Mo)
55. água ² / water ²	hɛp	---	heb	---	---
56. chuva / rain	tɛhɛj	---	kehɛ	jaab	thɛk (Mak)
57. vento / wind	ãbiih	---	hãmtjʔaʔi	aojé	abũ (K), abill (Mak)
58. casa / casa	pet, mīp-tit	---	pazĩŋku, mbahiko	(jeó, hué)	beär (M/K), mebtaga (Mo), bem / pehro (Mak)
59. areia / sand	ãmot	---	---	(natho)	awoon (Mak)
60. pedra / stone	mīkaj + komtaj (C)	mikaj	pʔaʔajm, mikahab chão	haak [“ferro”?]	kutaj (K), komtaj (Mak)
61. terra / ground	hã(h)ãm	aham	hahãm	am	aam (K), (h)aam (Mak)
62. fogo / fire	ki[-tjab]	kõa	tjahabm	kuiá / koiá	ke[-jam] (M/K), ki (Mo), ki (Mak)

63. fumaça / smoke	gōj	---	ʔuʔūj	---	---
64. cinza / ash	pītohok	---	bukuhu	---	---
65. caminho / path	pītahat	---	mb^vai ʔoi	paa	pataan (Mak)
66. noite / night	āmnīj	---	(h)aguī	aptom	eimning / aptamma (Mak)
67. frio / cold	ātʃi + tʃap	nup-tʃaap- taŋmaŋ	---	(kapāromiŋmiŋ)	jaeme (K), ifiohm / faam (Mak)
68. bom / good	baih	maj	---	poj	baj / poi-nan / pai-nan (M/K/Mak)
69. grande / big	toj	toj	kuj	toj	toj (M/K/Mak)
70. muito / many	(tʃohij)	---	---	gnona	njunaj (K/Mak)
71. velho / old	hittap	hitap	---	---	ikaten (Mak)
72. branco / white	mnok	---	---	---	mbto (Mak)
73. preto / black	mīnīj	temeniej	---	(echeemtom)	eimning / imnitam (Mak)
74. cansado / tired	jājnōjnāŋ	---	nλŋguNpλ	---	---
75. doente / sick	pakit	---	λʔλmpλʔī	---	pakon (K)
76. vazio / empty	hāmhok	---	hλmtʃoi	---	---
77. doce / sweet	---	---	tʃoipehinλ	---	fuipei (K)
78. beber / to drink	tʃoʔop	---	tʃohob	---	tʃuum (M/K/ Mo/Mak)
79. engolir / to swallow	tōmā-hā	---	kumλ	---	---

LIAMES 15(2)

80. comer / to eat	māhā, tjit	---	-ma	sit, meng	tigman (M/K), rjin (Mo), majill (Mak)
81. ver / to see	penāhā / henāhā + pami (C)	---	---	---	va-pavi (K), da-babih (Mak)
82. dormir / to sleep	mōʔjōn	mohon	gum	māhon	monon / mopung (M/K/Mo/ Mak)
83. morrer / to die	tjok	---	tjuku	(hepoho)	---
84. ir / to go	mōŋ	---	---	(akehege)	mong (M/K/Mak)
85. vir / to come	nīn	nanä	---	(pó!)	nainam (K)
86. dar / to give	hōm	---	---	napos-nom	apaenjame (K), apone-nom (Mak)
87. cair / to fall	nāhā	---	---	omée / oma	om-nā (Mak)
88. chorar / to cry	potaha	---	poka	---	---
89. gritar / to shout	tjata(há)	---	ã-tjaka	---	ifatar (Mak)
90. lançar / to throw	tjaha	tjaha	tʃahã-kɛb	---	---
91. eu / I	ĩg / ã	a(k)-	ã-	pō	i- (M), ai (Mak)
92. tu / thou	ã / tjã	a(t)-	---	---	tjai (Mak)
93. ele / he	ĩ	e-	---	---	---
94. nós / we	jīmīŋ / iŋmīŋ	---	---	---	niama (M), i-man (K), ai-tjom (Mak)
95. este / this	nīhī	nu	---	---	---
96. aquele / that	nōʔōm	po	---	---	---
97. não / no	hok	-ok	---	(atepomnok)	apto (K/Mak)

98. 1	pitfet	petiäenam	bakatfe	pose	poetfaenang (Mak)
99. tamandú / anteater	tfokijnāṅ	---	tfúʔi	(kakee)	---
100. tatu / armadillo	koip	---	ʔuwid	konib	koim (M/Mak)
101. paca / paca	---	tfapa	tapa	---	---
102. anta / tapir	āmātfij	amafü	ᐱᐤᐤᐤ	amajö	amatfij (Mo)
103. porco / pig	tfapip	jaem	tfâhâb	zauem	---
104. cervo / deer	mīnīj	---	māṅgāṅ	manaj	manaj (Mak)
105. cão / dog	kokej	koké	woé	woko	kukej (Mo), poko (Mak)
106. macaco ¹ / monkey ¹	poʔop	---	bohob	---	---
107. macaco ² / monkey ²	---	---	---	küfnió	kefniong (M), kepo (Mak)
108. bugio / howler monkey	koktij	---	kukīN	---	kokte^e (M), kotong (Mak)
109. galinha / hen	tfokakkak	tfuktakako	bakatfingᐱ	sukaka	tsukakakan (M), tiukakan (Mak)
110. cobra / snake	kājā	---	ʔāṅgā	(hahim, checheem)	kaniá (Mo), kapa (Mak)
111. tartaruga / tortoise	kefmaj	---	ʔewaīng	---	---
112. jacaré / cayman	māʔāj	---	māṅ	ae	maaj (M), maáj (Mo), maaj (Mak)
113. sapo / toad	mattik	---	uaṅkʔi	---	---
114. mosca / fly	kimjām	---	ʔibikāi	kepna	kemnian (Mak)

LIAMES 15(2)

115. pulga / flea	āptfij	---	---	amhaj	hamipan (Mak)
116. carrapato / tick	tjaptit	---	tjaki^d	---	---
117. cuia / gourd	tot	tot(-sa)	---	---	---
118. mandioca / manioc	kot / kōn	kohomm	ʔuhūj	kuniä	kon (K), kohóa (Mo), kon (Mak)
119. capim / grass	hāp-tfij	---	tjaji	afena	fui (M), fii (K), tjuih (Mak)
120. milho / maize	patfok	patfon	bahog-tfab	mana-za	patfog (Mo), mena-fam (Mak)
121. banana / banana	tɛp-ta	---	kɛb-ka	---	atemp-ta (Mak)
122. tabaco / tobacco	kohok	---	(tʃʌmipɫū)-kahabm	---	apufaj / minjon (K), kohok (Mo), abtjam (Mak)
123. anzol / hook	kotfām	kutiam	---	---	kapapam (Mak)
124. arco / bow	(nāptit)	poitaŋ	bokɫi	soihé	tsajhä (M), tsajhä (K), paniam (Mak)
125. canoa / canoe	mīp-koj	mib-koj	mimp-ʔoj	---	mib-kaj (Mo),
126. espírito / spirit	jāmij	niami	---	---	niami (K), niaŋmiŋ (Mak)
127. espinho / thorn	mījāmp, tfāp-tfoj	mihiam	mānguaham	mimiam	minniam (M), binniam (Mak)
128. faca / knife	(mīkaj)	amanoj / amanaj	ɫmɫgɫj	(haak)	putitaj (K), patitaj (Mak)
129. flecha / arrow	pohoj	pohoj	bohoj	poi	pahan (M/Mak)
130. machado / ax	kipiʔik	kaxa	ʔaxa	pe / pi	pūm (M), piim (K), pihim (Mo), piim (Mak)

ANEXO III

LISTA DE PALAVRAS KAMAKĀ

	†KAMAKĀ	†KOTOXÓ	†MONGOYÓ	†MENIEN	†MASAKARÁ
1. cabeça / head	hérroh / aurú	heró	hero	i'ro	x-aroh
2. testa / forehead	aküh	aké	aké	---	küh
3. cabelo / hair	köh / kéh	ke	kä	gé	chöh / gö
4. orelha / ear	ni(n)kokah	niko	n'ko	inkogá	ch-üchghoh
5. olho / eye	köhthoh / kedo	kitho	kedó	gutó	göxtx
6. nariz / nose	ni(n)-(3)ikoh / ni-higo	niika	nihiko	injwó	tchüchghoh
7. boca / mouth	tciokah / diukah / dihariko	häräko	häräko	(iniatagó)	tchiatta
8. dente / tooth	tjoh / dzu	dió	dió	jo	thüoh
9. língua / tongue	tjiale / dihary	diaferä	diaferä	---	kung(u)ring
10. unha / nail	tjo / dzu-ka	tio-ka	---	---	thu-kah
11. pé / foot	uade / wati	hoate	uadä	---	huachtöh
12. perna / leg	getsu / gefuru / gathié / katsa / kai	tsé / tié	ketse	a-ji	fjöküh, küungiring
13. mão / hand	ni-krefi / ni(n)-ker / ni-tjoh	nihitió	nin-kre	inkrú	(küm-büoh)
14. braço / arm	ni-uma / ni-uam	ni-ohan	ni-chüa	ighia	(küm-)ghüáng
15. barriga / belly	niukoh	knioptech	kniooptech	jundu	tjiug-grüj
16. pescoço / neck	kakoh / nin-kadzô	---	nin-khedió	inkió	thüngkoh
17. seio / breast	niugara	niuera / nihuj	kniochhere	a-njú	jumbiftüh

LIAMES 15(2)

18. sangue / blood	foh	kedió	kedió	i-só	höh
19. carne / meat	koa / em-koho-uadia			kioná	koho-aija
20. pele / skin	anká	naka	naka	---	---
21. folha / leaf	erreh	ere	ere	---	---
22. raiz / root	---	kase	kase	kiaji	---
23. buraco / hole	---	---	(ae-)ko	---	(pa-)kó
24. homem / man	geitje-ni, kitja-ka	kediach-ka	---	kahé	---
25. mulher / woman (?)	krara, jakraha-da / sakraa-tan	kiachkrara	kiachkrara	(afun, fã)	thsiagtkrá, (ihnta)
26. criança ¹ / child ¹	kara-dan, dan, kraniņ	kedięgrá, kare-tju	getiekrá, kraha-do	kana-ju / -tan	(ihngabiúh, kűgkrá)
27. criança ² / child ²	koanin	koinin	koinin	---	---
28. pai / father	göhrn-tan / kehen-dan	kihe-tá	kean-dá	---	ghüiņ-niap
29. mãe / mother	totsöhn-tan	títsil	---	---	foöh
30. irmão / brother	kejak-guanang	kiach-koadan, (chiton)	---	(ato)	thiagt-qua
31. peixe / fish	huan	huan	huã	hã	---
32. ave / bird	fano / funong	---	fana	satá	sakru / sairo
33. árvore / tree	hui	sahié / huj	hãüüé / hoín-dá	hi, hīn-tá	(ku)
34. sol / sun	jotse	hiosö	hiotsé	fioji	tsoi(k)nih
35. dia / day	ahnri	---	ari	---	tsoirih

36. lua / moon	hähthie / dihé / tue	hidié	hähdiä	jé	---
37. estrela / star	piop	piao	péo	pinia	pinnatsö
38. raio / lightning	tsangoraj	sankoraj	sankoraj	---	tsingoriany
39. água / water	ts(h)ã	sa(n)	sa	siⁿ	tsüe / tsyin
40. vento	jikkih	fiky	hedjekke	juá	aungachhüh
41. floresta / forest	---	toko	dochodiä	antó	anthó
42. casa / house	töah / d(e)ha	tuáh	deá	tuwaá	(pá)
43. pedra / stone	---	kiang	keá	---	---
44. terra / ground	eh	é	e	é	oeh
45. fogo / fire	tfax-ké, hiegh-ke	tiakihl	diaxké	jarú(i)	(gu)cháh / hugha
46. caminho / path	---	---	hyá	já	---
47. montanha / mountain	---	kri	kere	---	---
48. noite / night	koptagering, hamani	huerá	huerachka	utá	ambüch
49. bom / good	fitsköh / fiohoh / fioijeh	koiki / johó	koiki / joho	ingóte	ochhuangöikero
50. grande ¹ / big ¹	hieh	hiä	hiä	in-fé	---
51. grande ² / big ²	iroro	irö-oro	iro-oro	(tuji)	(a)tfirowsö / erooang
52. branco / white	kekorroh / hara	kohoro	in-kohero	---	ingkuirá
53. preto / black	kwahäda	tah / khohadá	koachedá / khohadá	kuatá	gachthá
54. vermelho / red	koro	hyroh	kohira	---	hingürá
55. beber / to drink	inkwa / tsanka	---	---	---	---

LIAMES 15(2)

56. comer / to eat	niɔŋkua / puamkuhá	niukuá	niukuá	jukuá	inthug krüŋg, kuing
57. ver / to see	ha hôf	---	---	---	---
58. dormir / to sleep	montɔŋ / humdhon / hondo(n)	---	hakepe- hodoch-kó	jundun	---
59. morrer / to die	dáu / hande bater	endiä-ná / hende-che	endie-ne / hende-che	j-uni	hiang-honi
60. ir / to go	mang	man	man	niamu	---
61. vir / to come	ni	---	---	ni	---
62. dizer / to say	tʃaxkf / ʃakrih		ʃakré-ré	---	---
63. cair / to fall	ranka	rachká	rachká	---	---
64. dançar / to dance	jekoeng-ni	ekoin	ekoin	---	---
65. eu / I	in- / ni- / mikam	echchá, my-	echchá	----	ingniung meu
66. não / no	ho	maʃi, -hoho	moʃi		
67. 1	huaetoh / hueté	yhueto	---	wetó	---
68. 2	ingu	itsé	---	---	hingri
69. tamanduá / anteater	---	---	perá	---	pé
70. cutia / agouti	---	---	hohion	onʃó	---
71. paca / paca	kavy / káfi	---	káwī	---	---
72. anta / tapir	here	here	herä	ere	---
73. porco / pig	kuiá	kuga	küa	kuiá	---
74. quati / coati	pitakó	pitakó	---	---	---
75. cão / dog	tʃake	tiake	jake	jaki	jakre
76. maracajá / ocelot	kuiwā	kypohen	kuiʃhua	---	---

77. macaco ¹ / monkey ¹	kān	kāo	kaun	kāun	---
78. macaco ² / monkey ²	(r)hike	hiké	---	---	---
79. arara ¹ / macaw ¹	foke	foke	ʔfokä	---	---
80. arara ² / macaw ²	kara-je	ganga-je	---	---	gará
81. cobra / snake	---	ti	di	ti	---
82. jacaré / cayman	uëié	---	---	ué	---
83. borboleta / butterfly	---	jakiré	fakrere	---	---
84. cuia / gourd	kejakoh	keräkka	kerächka	---	krö
85. mandioca / manioc	kaf / kahatʃ	---	---	kaiú	kachüh
86. capim / grass	kai	kai	ka'i	---	---
87. milho / maize	kedio	kethio	kefo	kʃo	---
88. banana / banana	tako	taio	---	(inkru)	---
89. feijão / bean	kupa	ginjá	kepá	---	kunung
90. arco / bow	kuhan / kan-wan	goun	kuan	huán	---
91. flecha / arrow	wān	huun / hoag	hoaj	hain	---
92. deus / god	kitjáura	githiao	---	---	---
93. faca / knife	kitʃa-kre / kefa	---	kedia	keαιο	---
94. sal / salt	efiki	---	efké	fuki [<small>< L. Brasileira</small> jukira]	---

Referências bibliográficas

- Ayres de Cazal, Manuel (1845). *Corographia brasilica ou relação historico-geographica do Brazil (1817)*, vol.2. Rio de Janeiro: Imprensa Régia.
- Campbell, Lyle; Mithun, Marianne (1979). Introduction: North American Indian historical linguistics in current perspective. In Lyle Campbell; Marianne Mithun (eds). *The languages of Native America*, pp. 3-69. Austin: University of Texas Press.
- Campos, Carlo Sandro de Oliveira (2009). *Morfofonêmica e morfossintaxe da língua Maxakali*. Tese de Doutorado em Linguística. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Campos, Carlo Sandro de Oliveira (2011). Contribuições da língua Maxakali para a descrição léxico-gramatical da língua Pataxó. *Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos*. Vitória, Espírito-Santo.
- Eschwege, Wilhelm Ludwig von (2002). *Journal do Brasil 1811-1817*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Fagundes, Giselle; Martins, Nahilson (2002). *Capítulos Sertanejos*. Montes Claros.
- Guérios, Rosario Farani Mansur (1944). Estudos sôbre a língua Camacã. *Arquivo do Museu Paranaense* 4: 291-320. Curitiba.
- Knivet, Anthony (1906). The admirable adventures and strange fortunes of Master Antonie Knivet, which went with Master Thomas Candish in his second voyage to the south sea. 1591. In Samuel Purchas (ed.). *Hakluytus posthumus*, vol. XVI, cap. VII, pp. 177-289. Glasgow.
- Lima, Francisco das Chagas (1885). Notícia da fundação e princípios d'esta Aldêa de S. João de Queluz. *Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. v, 17: 72-76. Rio de Janeiro.
- Loukotka, Čestmir (1932). La familia lingüística Kamakan del Brasil. *Revista del Instituto de Etnología de la Universidad Nacional de Tucumán* 2: 493-524. Tucumán.
- Loukotka, Čestmir (1937). La familia lingüística Coroado. *Journal de la Société des Américanistes* 29 (1): 157-214. Paris.
- Loukotka, Čestmir (1963). Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la Société des Américanistes* 52: 7-60. Paris.
- Loukotka, Čestmir (1968). *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: Latin American Center, UCLA.
- Luft, Wladimir José (2000). *Da história à pré-história: as ocupações das sociedades Puri e Coroado na Bacia do Alto rio Pomba (o caso da Serra da Piedade)*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Marlière, Guido Thomaz (1906). Escritos avulsos, correspondência. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ano X, fascículos III e IV: 383-668. Belo Horizonte.
- Martius, Karl Friedrich Philip von (1863). *Glossaria linguarum Brasiliensium: glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Índios no imperio do Brazil*. Erlangen: Druck von Jange.
- Martius, Karl Friedrich Philip von (1867). *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*, I. Zur Ethnographie. Leipzig: Friedrich Fleischer.

- Mason, John Alden (1950). The languages of South American Indians. In Julian Haynes Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 6, pp. 157-317. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- Meador, Robert (1978). Índios do Nordeste. *Série Lingüística* 8. Brasília: SIL.
- Métraux, Alfred (1951). Une nouvelle langue Tapuya de la région de Bahia (Brésil). *Journal de la Société des Américanistes* 40: 51-58. Paris.
- Métraux, Alfred (1963_a). The Guaitacá. In Julian Haynes Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 1, pp. 521-522. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- Métraux, Alfred (1963_b). The Puri-Coroado linguistic family. In Julian Haynes Steward (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 1, pp. 523-530. Bureau of American Ethnology, Bulletin 143. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.
- Nimuendajú, Curt (1958). Índios Machacari. *Revista de Antropologia*, Separata do vol. 6, 1: 53-61. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Nimuendajú, Curt (1987). *Mapa etno-histórico*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Nimuendajú, Curt; Guérios, Rosario Farani Mansur (1948). Cartas etnolingüísticas. *Revista do Museu Paulista*, n.s., 2: 207-241.
- Popovich, Harold; Popovich, Frances (2004). *Dicionário Maxakali-Português*. Cuiabá: SIL.
- Reis, Paulo Pereira dos (1965). Os Puri de Guapacaré e algumas achegas à história de Queluz. *Revista de História* 61: 117-158. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Ribeiro, Eduardo Rivail (2007). *Eastern Macro-Jê: a hypothesis on the internal classification of the Macro-Jê stock*. [manuscrito]
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna (1999). Macro-Jê. In Robert Malcolm Ward Dixon; Alexandra Yurievna Aikhenvald (eds.). *The Amazonian Languages*, pp. 164-206. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna; Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara (2007). Através do léxico Macro-Jê. In Aryon Dall'Igna Rodrigues; Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (eds.). *Línguas e Culturas Macro-Jê*, pp. 175-179. Brasília: Editora UNB.
- Saint-Hilaire, Auguste de (1975). *Viagem à província de Goiás*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- Saint-Hilaire, Auguste de (2000). *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.
- Schott, Heinrich Wilhelm (1822). Tagebücher des K.K. Gärtners in Brasilien. *Nachrichten von den Kaiserlichen Österreichischen Naturforschern in Brasilien* (depois do vol. 2). Brunn.
- Silva, Aracy Lopes da; Rodrigues, Maria Carolina Young (1982). *Lições de Bahetá: sobre a língua Pataxó-Hähähäi*. São Paulo: Comissão Pró-Índio de São Paulo.
- Silva Neto, Ambrósio Pereira da (2007). *Revisão da classificação da família lingüística Puri*. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília.
- Spix, Johann Baptist von; Martius, Karl von (1981). *Viagem pelo Brasil (1817-1820), vol. I*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

- Torrezão, Alberto Noronha (1889). Vocabulário puri. *Revista trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, t. LII, parte I^a: 511-514. Rio de Janeiro.
- Urban, Greg (1998). A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In Manuela Carneiro da Cunha (ed). *História dos Índios do Brasil*, pp. 87-102. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vasconcellos, Simão de (1865). *Chronica da Companhia de Jesu, do Estado do Brasil*. vol. 1. Lisboa.
- Wied-Neuwied, Maximilian Alexander Philipp, Prinz von (1989). *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia.

Recebido: 6/12/2014

Versão revista e corrigida (1): 18/3/2015

Versão revista e corrigida (2): 28/5/2015

Aceito: 26/9/2015.